

*Eu acredito em algo maior, portanto não há
causas perdidas: Espiritualidade e prática
profissional*

Inês Magalhães Cramez de Sá Braga

M

2022



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

EU ACREDITO EM ALGO MAIOR, PORTANTO NÃO HÁ CAUSAS PERDIDAS:
ESPIRITUALIDADE E PRÁTICA PROFISSIONAL

Inês Magalhães Cramez de Sá Braga
Outubro, 2022

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Susana Coimbra*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

“The word Spirituality is also challenging to define, although many of us claim it without hesitation. The word spirit itself derives from both Latin and Greek (...) It simply means **to breathe**. In the purest sense, our notion of being alive has its central evidence in the simple act of breathing. In a larger sense, breathing or spirit is the one thing that unites all of us as we share the atmosphere with all living things. (...) I can only feel deep grief for those who resist, who do not embrace their own Spirituality in any way that makes sense to them. The desire for it is one of the most human sensations we can experience, and we are invested with it by our wish for understanding, fulfillment, and our ability to wonder. (...) This finite time we all share has much to offer, (...) as well as those who came before us seeking to understand what it means to be a human being in this universal scheme of grandeur and mystery. **Breathe, and breathe deeply.**”

- Daniel Thomas Moran, em *Art and the Nature of Spirituality* (2021)

Para o meu avô.

श्री कृष्ण अर्पण अस्तु

Resumo

Por se tratar de um fenómeno complexo, abrangente, multidimensional e eminentemente pessoal, existe uma grande dificuldade em definir e abordar o conceito de Espiritualidade, em particular no contexto profissional. A presente investigação debruçou-se sobre a forma como profissionais que atuam com as pessoas em situação de vulnerabilidade, em particular pessoas em situação de sem abrigo e utilizadores de substâncias psicoativas, conceptualizam a Espiritualidade: quais as suas crenças, experiências e de que forma acreditam que estas eventualmente se refletem na sua prática. Além disso, pretendeu-se compreender a sua perspetiva face à importância da dimensão espiritual na vida da população com a qual trabalham diariamente.

Tendo em conta estes objetivos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 12 profissionais, maioritariamente do género feminino, com diferentes formações (ex. Psicologia, Serviço social, Animação Sociocultural) e anos de experiência (entre 4 até 21) que trabalham na cidade do Porto. Os resultados sugerem que a maioria dos/as profissionais possui uma crença espiritual própria e idiossincrática, ainda que algumas comunicações também possam ser identificadas. Na sua perspetiva, a prática profissional pode constituir-se como um veículo para encontrar e reforçar a ligação espiritual, numa lógica de influência recíproca, em particular na transformação promovida na compreensão e aceitação autêntica da alteridade. Essa Espiritualidade é também identificada na população com quem trabalham, sobretudo como elemento de ressignificação da adversidade. Estando a Espiritualidade ainda ausente como tópico na formação para a prática profissional, não há espaço nem preparação para se poder refletir acerca dela e muito menos aplicá-la. Parece importante que, tanto ao nível científico, como formativo e prático, se possa refletir o modo de conciliar a Espiritualidade e a prática profissional, para que possam deixar de ser caminhos antagónicos ou na melhor das hipóteses, paralelos.

Palavras-chave: Espiritualidade; Profissionais que trabalham na área social; Pessoas em situação de sem-abrigo; Pessoas em situação de vulnerabilidade.

Abstract

As a complex, broad, multidimensional and eminently personal phenomenon, there is a great difficulty in defining and addressing the concept of Spirituality, particularly in the professional context. This research focused on how professionals who work with people in situations of vulnerability, particularly people experiencing homelessness and psychoactive substances users, conceptualize Spirituality: their beliefs, experiences and how do they believe these may be reflected in their practice. Furthermore, we intended to understand their perspective on the importance of the spiritual dimension in the lives of the population with whom they work daily.

Taking these objectives into account, semi-structured interviews were carried out with 12 professionals, mostly women, with different backgrounds (e.g. Psychology, Social Work, Sociocultural Animation) and years of experience (from 4 to 21) working in the city of Porto. The results suggest that most professionals have their own idiosyncratic spiritual beliefs, although some commonalities can also be identified. From their perspective, professional practice may constitute a vehicle to find and reinforce the spiritual connection, in a logic of reciprocal influence, particularly in the transformation promoted in the understanding and authentic acceptance of otherness. This Spirituality is also identified in the population they work with, especially as an element of re-signifying adversity. Since Spirituality is still absent as a topic in training for professional practice, there is neither the space nor the preparation to be able to reflect on it, much less apply it. It seems important that, both at the scientific, formative and practical levels, we can reflect on how to reconcile Spirituality and professional practice, so that they may cease to be antagonistic paths, or at best, parallel ones.

Keywords: Spirituality; Professionals working in the social field; People experiencing homelessness; People in situations of vulnerability.

Résumé

Comme il s'agit d'un phénomène complexe, global, multidimensionnel et éminemment personnel, il est très difficile de définir et d'aborder le concept de Spiritualité, notamment dans le contexte professionnel. Cette recherche s'est concentrée sur la façon dont les professionnels qui travaillent avec des personnes en situation de vulnérabilité, en particulier les personnes sans-abri et les utilisateurs de substances psychoactives, conceptualisent la Spiritualité: quelles sont leurs croyances, leurs expériences et comment pensent-ils qu'elles peuvent se refléter dans leur pratique. En outre, nous avons voulu comprendre leur point de vue sur l'importance de la dimension spirituelle dans la vie de la population avec laquelle ils travaillent au quotidien.

Compte tenu de ces objectifs, des entretiens semi-structurés ont été réalisés avec 12 professionnels, pour la plupart des femmes, ayant des formations différentes (par exemple, Psychologie, Travail social, Animation socioculturelle) et des années d'expérience (entre 4 et 21) travaillant dans la ville de Porto. Les résultats suggèrent que la plupart des professionnels ont leurs propres croyances spirituelles idiosyncrasiques, bien que certains points communs puissent également être identifiés. Dans leur perspective, la pratique professionnelle peut constituer un véhicule pour trouver et renforcer le lien spirituel, dans une logique d'influence réciproque, notamment dans la transformation promue dans la compréhension et l'acceptation authentique de l'altérité. Cette Spiritualité est également identifiée dans la population avec laquelle ils travaillent, avant tout comme un élément de re-signification de l'adversité. Comme la Spiritualité est encore absente de la formation à la pratique professionnelle, il n'y a ni l'espace ni la préparation pour pouvoir y réfléchir et encore moins pour l'appliquer. Il semble important que, tant au niveau scientifique, formatif que pratique, nous puissions réfléchir à la manière de réconcilier la Spiritualité et la pratique professionnelle, afin qu'elles cessent d'être des voies antagonistes, ou au mieux, parallèles.

Mots-clés: Spiritualité; Professionnels du domaine social; Personnes sans-abri; Personnes en situation de vulnérabilité.

Índice

Introdução	10
Enquadramento Teórico	12
Espiritualidade: algumas definições.....	12
A Espiritualidade no trabalho social e com pessoas em situação de vulnerabilidade.....	13
Características de um/a bom/a profissional no trabalho com pessoas em situação de vulnerabilidade.....	17
Sentido de propósito associado à prática profissional.....	18
Método	20
Objetivos	20
Participantes	20
Instrumento.....	21
Procedimentos de Recolha e Análise de Dados	22
Apresentação e Discussão de Resultados	22
Conceções individuais de Espiritualidade.....	22
<i>Espiritualidade e Religião</i>	23
<i>Espiritualidade enquanto a possibilidade de existência de algo superior – Deus?</i>	24
<i>Espiritualidade enquanto determinismo.</i>	25
<i>Espiritualidade enquanto o não expresso e o não expressável</i>	26
<i>Espiritualidade enquanto complemento</i>	27
<i>Espiritualidade enquanto desenvolvimento pessoal</i>	28
<i>Espiritualidade enquanto conexão</i>	31
<i>Espiritualidade enquanto a procura por um propósito</i>	34
<i>Negação da Espiritualidade</i>	35
A influência da Espiritualidade na prática profissional	36
Espiritualidade enquanto dimensão relevante na vida das pessoas em situação de vulnerabilidade	39
Considerações Finais	42

Limitações e Implicações para o futuro	44
Referências Bibliográficas	46
Apêndices	57
Apêndice A – Tabela caracterização da amostra	57
Apêndice B – Guião da entrevista semiestruturada	58
Apêndice C – Consentimento informado	60

Introdução

O interesse no estudo do fenómeno da Espiritualidade em profissionais parte da tentativa de compreender os aspetos que a compõem, em termos de definição e de prática, mas especialmente na forma como ela se pode revelar quando nos relacionamos com o Outro e nos entregamos quotidianamente ao serviço em prol do seu bem-estar. Esta relação e entrega estão no cerne do trabalho com as populações mais vulneráveis, pelo que parecem existir semelhanças intrínsecas entre a Espiritualidade e o trabalho social, tanto pelas raízes religiosas deste último, como pelo senso de compaixão enquanto veículo de transformação que partilham (Canda & Furman, 1999, citado em Canda, 2005). Contudo, quando falamos de populações como as pessoas em situação de sem-abrigo ou utilizadores de substâncias psicoativas, pode colocar-se a questão: como aliar a Espiritualidade aos fenómenos perspetivados como desviantes? A Espiritualidade surge como um assunto encoberto na formação para a prática profissional nestes contextos e noutros semelhantes, sem espaço nem preparação para se poder refletir acerca dela, e muito menos aplicá-la. Deste modo, a Espiritualidade e a prática profissional surgem como dois caminhos antagónicos ou, na melhor das hipóteses, paralelos. Motivações éticas estão na maioria das vezes associadas a esta ausência de interseção, não sendo concebida uma prática profissional que possa ser espiritualmente sensível. Como se poderá então estabelecer esta relação? Como aliar a Espiritualidade aos fenómenos perspetivados como desviantes? De que forma o conhecimento técnico-científico e a experiência espiritual poderão ser alinhados no proporcionar de uma prática íntegra e, simultaneamente, integrativa, considerando todas as dimensões que nos compõe? Foram estes questionamentos que moveram a presente investigação.

Embora o objetivo inicial passasse também por conhecer as perspetivas das pessoas em situação de sem-abrigo, abordar as conceções dos/as profissionais que com elas trabalham pareceu-nos um bom ponto de partida para tentar compreender a ponte entre Espiritualidade e intervenção. A literatura referente às populações em situação de vulnerabilidade e aos fenómenos que lhes são adjacentes é extensa, mas poucos são os estudos que enfocam as perspetivas dos/as profissionais, sobretudo no contexto nacional e particularmente quando se pretende abordar a Espiritualidade. A qualidade do apoio prestado pelos diversos serviços depende fortemente das relações que se estabelecem entre os/as profissionais e as populações, da disponibilidade, do bem-estar e dos contributos de ambos. Neste sentido, torna-se essencial ouvir os/as profissionais, compreender as suas perspetivas, considerações, necessidades e

reconhecer as suas sugestões. Segundo Aykanian (2018), abordar as perspetivas dos/as profissionais pode proporcionar reflexões e eventuais propostas de mudança quanto ao desenho e funcionamento dos serviços, acerca de quais as estratégias mais úteis para o contacto com as populações e quais as características que são requeridas para executar este tipo de trabalho. Aponta que, ainda que os/as profissionais não possam falar diretamente pela experiência dos/as utentes, têm, na maioria das vezes, uma compreensão mais profunda do sistema e do contexto de políticas onde os serviços se inserem. Assim, ao procurar compreender as suas perspetivas, abre-se espaço para melhorar a qualidade dos serviços, a sua própria satisfação profissional e qualidade de vida e, por conseguinte, a qualidade de vida das pessoas com quem trabalham. Weng & Clark (2017) argumentam que os/as profissionais têm de ouvir, defender e ser, por vezes, a voz das pessoas em situação de vulnerabilidade (quando as próprias não são ouvidas), porque a sociedade, em geral, não compreende verdadeiramente as circunstâncias de vida que estas experienciam.

Neste contexto, numa fase inicial deste trabalho, é feita uma revisão teórica acerca da Espiritualidade e suas diversas definições; da ligação existente entre a Espiritualidade, o trabalho social e o trabalho com pessoas em situação de vulnerabilidade; acerca das características consideradas importantes para se constituir o perfil de um/a bom/boa profissional no trabalho com pessoas em situação de vulnerabilidade; e do sentido de propósito associado à prática profissional. O estudo empírico, realizado com 12 profissionais que trabalham com pessoas em situação de vulnerabilidade, permitiu identificar três grandes categorias: conceções individuais de Espiritualidade dos/as profissionais entrevistados, a influência da Espiritualidade na sua prática profissional, a Espiritualidade enquanto dimensão importante na vida das pessoas em situação de vulnerabilidade.

Além de procurar perceber as perspetivas dos/as profissionais, estabeleceu-se também como objetivo aprofundar de que forma é que as circunstâncias de fragilidade social em que se encontram estas populações podem ou não incrementar a abertura para uma dimensão que procure ir além da pura subsistência. Como refere uma das participantes, a vulnerabilidade poderá ser um veículo através do qual a Espiritualidade se faz presente (P6). Ainda que a Espiritualidade não se reduza à Religião, importa neste contexto mencionar um contributo do Papa Bento XVI a propósito dos/as técnicos/as que lidam diariamente com esta vulnerabilidade: estes devem ser, em primeira instância, profissionalmente competentes e comprometidos com o cuidado do Outro, mas a intervenção não se deve circunscrever a estes elementos - “We are

dealing with human beings, and human beings always need something more than technically proper care. They need humanity. They need heartfelt concern.” (Bento XVI, 2005).

Assim sendo, move-nos a tentativa de perceber de que forma a Espiritualidade poderá ou não constituir-se como um elo entre esta qualidade humana do serviço prestado e a competência técnica que se exige do profissional. Procuraremos explorar de que forma os/as profissionais perspetivam a integração da dimensão espiritual na abordagem biopsicossocial que se pretende refletida na sua intervenção, tendo por base uma visão holística do Outro.

Enquadramento Teórico

Espiritualidade: algumas definições

Por se tratar de um fenómeno complexo, abrangente e multidimensional, com manifestações diversas patentes em várias épocas e culturas, existe uma grande dificuldade em definir o conceito de Espiritualidade. Miller & Thoresen (2003) sublinham que a Espiritualidade não é dicotómica, não é um atributo que está presente ou ausente no indivíduo. Deste modo, qualquer tentativa de definir a Espiritualidade como uma dimensão linear (como algo que se possa ter mais ou menos) é simplista e limitadora. Partindo de uma perspetiva operacional, a Espiritualidade pode ser percebida como uma condição universal, vivida pela maioria das pessoas, demarcada pela procura do Sagrado e associada ao culto do espiritual, de valores, da transcendência e da fé (Marques, 2010; Pargament, 2007). Koenig e colaboradores (2001) definem-na como uma busca pessoal na tentativa de encontrar respostas para as questões últimas acerca da vida, do seu sentido e da relação que se constrói com o Sagrado ou com o considerado transcendente, que poderá ou não incluir rituais, práticas ou comunidades de cariz religioso ou similar. Canda e Furman (2010, citado Garcia-Irons, 2018) apontam para uma definição geralmente aceite de Espiritualidade enquanto um sentimento de ligação a algo exterior ou considerado maior do que o Eu, que dá um sentido de propósito à vida e aos acontecimentos que nela se inserem.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (1998) a dimensão da Espiritualidade é reconhecida como uma componente importante no conceito de saúde. Algumas investigações sugerem que as práticas espirituais/religiosas podem constituir-se como um poderoso mecanismo de *coping* face aos desafios da vida, facilitando a vivência em comunidade, a cooperação e o apoio mútuo (Koenig, 2009). Por isso, o interesse da ciência justifica-se pela

influência benéfica que poderá exercer na saúde das pessoas. Para Gonzáles & Almeida (2010), abordar a Espiritualidade nas práticas psicoterapêuticas é uma forma de reconhecer o princípio da integridade proposto pela OMS. No entanto, tal implicaria que os/as profissionais possuíssem o conhecimento e as aptidões necessárias para uma prática ética, sustentada por um saber científico. Justifica-se, assim, que se questione se e como poderá ser abordada a Espiritualidade na preparação de profissionais, em particular aqueles/as cuja prática implica contacto direto com as pessoas. O papel de um/a psicólogo/a não passa por validar, questionar ou refutar a verdade do domínio transcendente e metafísico dos fenómenos ou das experiências espirituais/religiosas, mas reconhecer genuinamente o Outro e aquilo que ele produz para si como conhecimento psicológico (Bairrão, 2016, citado em Cunha & Scorsolini-Comin, 2019b). Reconhecer os aspetos espirituais de todos/as, profissionais e utentes, não implica questionar ou afastar o conhecimento científico clássico, mas sim abrir a possibilidade de agir partindo de uma perspetiva integrativa (Dal-Farra & Geremia, 2010). Dado o seu importante papel na vida do ser humano, a dimensão espiritual deve ser reconhecida como uma componente que tem impacto e influência nos aspetos biológicos, psicológicos e sociais do indivíduo (Plante, 2007). Um reconhecimento que parece ser particularmente relevante no designado trabalho social.

A Espiritualidade no trabalho social e com pessoas em situação de vulnerabilidade

Histórica e filosoficamente, o trabalho social abraça princípios e valores semelhantes aos da Espiritualidade e Religião, tais como a justiça social, o respeito pela dignidade humana e o altruísmo (Larsen & Rinkel, 2016). Em meados do século XIX, as designadas organizações de caridade eram compostas por indivíduos associados à igreja e voluntários designados para ajudar os “pobres”, as pessoas em situação de sem-abrigo e aquelas que se encontravam gravemente doentes (Garcia-Irons, 2018). A ideia subjacente a estes primeiros indícios de um trabalho em prol do Outro sustentava-se no conceito bíblico de caridade. Contudo, ao longo dos anos, a área social foi-se distanciando destas origens e tornou-se mais secularizada, à medida que a visão científica e racional do trabalho e o profissionalismo exigido se tornaram questões importantes para a prática profissional (Lezotte, 2010). Recentemente, tem surgido uma maior consciência para a inclusão da Espiritualidade na prática, que se caracteriza, de acordo com Canda e Furman (1999, citado em Sheridan, 2009, p. 100), como uma tentativa de "regresso ao compromisso histórico da profissão para com a Espiritualidade, de uma forma que inclua e respeite a diversidade de perspetivas espirituais, religiosas ou não religiosas, dos/as utentes”.

No entanto, o ressurgimento desta discussão tem sido controversa. O cerne da questão já não se encontra na legitimidade da inclusão/exclusão dos princípios espirituais na prática profissional, mas sim na forma como eles podem ser integrados de forma ética e espiritualmente sensível (Lezotte, 2010). Esta aplicação poderá suscitar algum desconforto e incerteza por parte dos/as profissionais. O foco da maioria dos estudos existentes na área concentra-se no reconhecimento das necessidades espirituais/religiosas dos/as utentes como parte integrante de uma abordagem holística, mas as crenças espirituais/religiosas dos/das próprios/as profissionais têm sido negligenciadas (Oxhandler & Pargament, 2014). Não será por isso de admirar que poucos sejam os estudos que abordam de que forma estes princípios espirituais podem influenciar a prática profissional (Kwan & Chui, 2020). Canda e Furman (2010, citado Garcia-Irons, 2018), procuraram estudar as opiniões de profissionais do trabalho social face à utilização da Espiritualidade na sua prática e concluíram que há uma grande falta de formação e educação no que diz respeito a essa integração.

Para potenciar essa inclusão, torna-se importante identificar aspetos comuns nas diversas definições de Espiritualidade em trabalho social: qualidade essencial da pessoa que é considerada sagrada e irredutível; busca pessoal por significado e uma estrutura moral; experiências de natureza transpessoal, onde a consciência transcende os limites do ego; processo desenvolvimental de mover-se para um sentido de integração consigo mesmo/a e com os outros; participação em grupos de apoio espiritual, de cariz religioso ou não; envolvimento em crenças ou comportamentos específicos como oração ou meditação (Furman et al., 2005).

Partindo de uma perspetiva bio-psico-social-espiritual que respeite a diversidade de sistemas de crenças de todos/as na educação e prática social, Senreich (2013, p. 553) propõe uma definição inclusiva: “A Espiritualidade refere-se a uma relação humana subjetiva (cognitiva, emocional e intuitiva) com o que é desconhecido acerca da existência e a uma integração dessa relação numa perspetiva acerca do Universo, do mundo, dos outros, do Self, dos valores morais e do sentido da vida.”. Assumindo que cada pessoa tem a sua própria relação com o que é desconhecido, surge a necessidade de os/as profissionais assumirem a diversidade de sentidos únicos que a Espiritualidade comporta para cada um/a dos/as utentes. Uma boa prática dos princípios espirituais na intervenção poderá passar pela capacidade do/a profissional se sintonizar com cada processo individual, que inclui o contexto do/a utente, o seu *background* espiritual, o *background* espiritual do/a próprio/a trabalhador/a e a abordagem da organização. Em diversos inquéritos realizados nos EUA, os/as profissionais indicam que valorizam a

dimensão espiritual das suas vidas e reconhecem a sua importância na vida dos/as seus utentes (Canda et al., 2004).

Relativamente à importância que a componente espiritual/religiosa pode ter na vida das populações em situação de vulnerabilidade, Williams & Lindsey (2005) procuraram perceber em que medida esta componente foi relevante para jovens em situação de sem-abrigo saírem do contexto de rua. A maioria deles/as rejeitou as suas relações familiares e comunitárias, envolveram-se em comportamentos considerados antissociais, recusaram as práticas religiosas tradicionais, e, no entanto, reportam um sentido de conexão espiritual que desempenhou um papel significativo nas suas vidas. Os/as participantes mencionaram como eram escassas as abordagens que incluíssem práticas espirituais na intervenção e, por isso, muitos deles/as pareciam ter construído o seu próprio sentido de Espiritualidade, completamente dissociado ou desamparado de qualquer ajuda profissional. De acordo com as suas narrativas, a fé desempenhou uma função importante e a ligação ao Divino foi descrita como um processo de resgate da trajetória negativa das suas vidas. Os autores referem como estes/as jovens, percecionados como rebeldes ou desviantes, integraram a Espiritualidade como uma forma de se sentirem incluídos no Todo, ainda que os/as coloquem à margem. Concluem que, por esse motivo, no seu melhor, a Espiritualidade pode promover uma estrutura para que o ser humano encontre perdão para as suas falhas e fragilidades e para que possa potencialmente estabelecer uma base para a autoaceitação e a aceitação do Outro.

Corroborando estes resultados, num estudo mais recente, Paul e colaboradores (2018) procuraram explorar quais os mecanismos de *coping* e resiliência entre 36 indivíduos em situação de sem-abrigo. Concluíram que a Espiritualidade surgiu como um importante contributo para a resiliência e a sensação de bem-estar, através de uma crença num poder superior. Para alguns/mas dos/as participantes, no contexto de profunda desconfiança perante o Outro, a fé revelou-se enquanto fonte de conforto e apoio perante as alturas mais desafiantes. As pessoas em situação de em-abrigo parecem usar estratégias de *coping* espiritual que incluíam a oração, a fé em Deus, a esperança, a leitura da Bíblia e a obtenção de força através das suas crenças religiosas (Runquist & Reed, 2007).

Dolcos e colaboradores (2021) propõem que o enfrentar de dificuldades é um fator crucial para proporcionar o que apelida de “retorno à Religião” (p.2893). No mesmo sentido, Tryssenaar e colaboradores (1999) acreditam que estar numa situação de sem-abrigo pode potenciar uma maior consciência para a Espiritualidade. No entanto, devido à vulnerabilidade inerente a esta problemática, as pessoas em situação de sem-abrigo geralmente guardam para si

as suas crenças, que passam despercebidas para os/as profissionais. Não será por isso de estranhar que a investigação demonstre que as necessidades espirituais e religiosas das pessoas em situação de sem-abrigo ainda não são contempladas, nem satisfeitas (Kennard-Lyke, 2002).

Canda (1998) propõe que a missão dos serviços de trabalho social poderia beneficiar de uma grande profundidade se operasse numa perspetiva espiritual. Os/as profissionais passariam a agir estando cientes do potencial espiritual inerente a cada utente e a si mesmos/as, beneficiando de relações espiritualmente sensíveis que reconheçam a dignidade e o valor inerente a cada um/uma, independentemente das suas crenças e comportamentos. O autor conclui que os/as utentes não têm de merecer ou ganhar este respeito, merecem-no simplesmente por serem, pelo que uma prática espiritualmente sensível daria, então, um sentido mais profundo à empatia. Esta não se reduz a técnicas ou capacidades, implica que uma pessoa se possa conectar com a outra, perceber os seus sentimentos, antecipar as implicações e saber qual a melhor resposta adequada a cada momento particular. Canda concretiza este raciocínio constatando que quando o trabalho está imbuído de Espiritualidade, promover a realização do ser humano pode tornar-se um processo que criativamente conecta o crescimento pessoal, a justiça social e a ecojustiça. Quando os/as profissionais se deparam com a dimensão espiritual, surge o desafio de procurar uma forma de consciência, um estar e uma educação que abarquem a variedade de perspetivas espirituais e, eventualmente, religiosas. Conclui que, quando a relação de apoio reflete respeito genuíno e empatia, aprofundamos a nossa consciência do Sagrado inerente a cada pessoa e a cada situação. Birnbaum & Birnbaum (2008) propõem que é urgente que os/as trabalhadores sociais, enquanto ativistas sociais, compreendam melhor a natureza desta consciência para proporcionar uma mudança social global.

Analogamente, Siporin (1985, p.213) menciona que “os trabalhadores sociais procuram o conhecimento da verdade, da beleza e da justiça, não só em palavras, em teorias práticas ou proclamações, mas também na prática em si - Kirkegaard aponta que a «A verdade só existe para o indivíduo se ela se traduzir em ação» - neste sentido, os/as trabalhadores sociais, sendo orientados para a ação, estão particularmente qualificados para ajudar os/as utentes a chegar a conclusões autênticas e a agir sobre si e sobre as suas situações de vida de forma mais eficiente - «Aquele que se conhece a si, conhece os outros» – bons profissionais retornam sempre à necessidade de se ser autoconsciente e de se conhecerem bem, para proporcionar um diálogo autêntico, uma compreensão profunda da situação do/a utente e uma ajuda eficiente.”

Neste sentido, importa também abordar que características serão consideradas importantes para se constituir um/a bom/boa profissional nesta área.

Características de um/a bom/a profissional no trabalho com pessoas em situação de vulnerabilidade

De acordo com o *Social Work Task Force Report* do Reino Unido (2009, citado em Kinman & Grant, 2011), os/as profissionais que trabalham na área social precisam de uma “mistura particular de capacidades analíticas, capacidade de *insight*, senso-comum, confiança, um bom uso da autoridade e resiliência” (p.272). A resiliência neste contexto pode ser definida como um construto multifacetado e refere-se à capacidade do indivíduo para lidar com as dificuldades, exigências e pressão do ambiente que o rodeia, sem experienciar consequências negativas. No que diz respeito ao trabalho social, a resiliência constitui-se como uma qualidade importante porque prediz uma adaptação mais eficaz a situações desafiantes e potencia o crescimento profissional (Kinman & Grant, 2011). Para que tal seja possível, algumas características são consideradas importantes, como um *locus* de controlo interno, otimismo, uma regulação efetiva das cognições e crenças, mas também um bom suporte social. Jensen e colaboradores (2008) destacam, a este propósito, a capacidade de valorizar o seu papel profissional, de estabelecer barreiras claras entre o trabalho e a vida pessoal, de desenvolver rotinas de trabalho bem estruturadas, a comunicação, autoconsciência e autoaceitação. São ainda apontadas a capacidade de gestão das próprias emoções e as dos outros de forma eficiente, a inteligência emocional, a capacidade de reflexão, a empatia e a competência social.

Relativamente aos/as profissionais que lidam com a população em situação de sem-abrigo, Peters e colaboradores (2021) sublinham a incerteza em torno de tais qualidades deverem ser pré-requeridas para desempenhar esta função ou se estas poderão ser desenvolvidas ao longo da carreira. Nas entrevistas que realizaram, a maioria dos/as profissionais aponta para um certo grau de habituação à função, induzida pelo trabalho e pela cultura da própria organização. No entanto, algumas características parecem revelar-se essenciais, tais como a presença de um bom sentido de humor, a confiança, a paciência, a criatividade na resolução de problemas, a necessidade de se ser confiável e afável, de ser um/a bom/boa comunicador/a, de ter tranquilidade e estar confortável consigo mesmo/a.

Num outro estudo realizado com profissionais que trabalham com jovens em situação de sem-abrigo, Kidd e colaboradores (2007) elencam uma série de características consideradas fundamentais para poder estabelecer uma boa relação com esta população: a abertura, a necessidade de respeito mútuo, a versatilidade e flexibilidade, a capacidade de ser um/a bom ouvinte, a não imposição das próprias ideias ou expectativas, bem como a necessidade de não fazer juízos precipitados, a capacidade de dar espaço e tomar o tempo necessário para a

construção de uma relação estável com os/as utentes, a capacidade de ter “conversas normais” que não englobem apenas as circunstâncias onde os/as jovens se encontram, o reconhecimento pela diversidade entre os/as jovens em situação de sem-abrigo, a necessidade equilibrar a empatia com o envolvimento em demasia, a capacidade de ser ativo e questionar, e, acima de tudo, a não rejeição, a apreciação e cuidado incondicionais e a capacidade de tratar cada jovem como um ser humano. Weng & Clark (2017) fazem ainda referência à necessidade destes/as profissionais estarem informados/as sobre problemas de saúde mental e de abuso de substâncias, sobre o sistema criminal e de justiça e sobre as nuances económicas em torno da habitação e emprego.

A nível nacional e no que concerne especificamente ao trabalho no âmbito da Redução de Riscos e Minimização de Danos, o Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências (2016) elaborou um documento onde são apontadas algumas linhas orientadoras para o papel do/a profissional que trabalha nesta área. Concomitantes com os estudos supramencionados, é apontado um conjunto alargado de características específicas das quais se destacam: ser flexível e tolerante; não fazer juízos de valor; disponibilidade para ouvir e não julgar; demonstrar aceitação, minimizando os seus preconceitos; ser empático, ter a capacidade de ver o problema como a pessoa o vê sem, no entanto, descurar o distanciamento necessário e a objetividade inerente a qualquer atitude técnica; e demonstrar consciência e responsabilidade.

Sentido de propósito associado à prática profissional

Quando se aborda a Espiritualidade na prática profissional com populações em situação de particular vulnerabilidade, também denominado de “trabalho social”, parece incontornável explorar temáticas relacionadas como o sentido de propósito, a perceção de missão ou de vocação. Num estudo de Canda (1998), o autor reflete acerca do potencial do trabalho social para a promoção da realização pessoal e das comunidades. Quando a procura de realização é inserida num contexto espiritual, ela pode ser direcionada para o exterior e para as relações estabelecidas com o Outro, encontrando aí um propósito e um benefício mútuo.

O respeito pelos direitos, potencialidades e recursos dos/as utentes, o auxílio prestado na procura da sua autodeterminação e o seu potencial para evoluir podem motivar uma construção de significado mais positiva do trabalho por parte dos/as profissionais. De facto, muitos/as profissionais nesta área parecem encontrar um sentido de comprometimento e significado no seu trabalho quotidiano, permitindo a construção de um sentido de propósito ou

uma crença de que o trabalho realizado é altamente significativo para a sua identidade pessoal (Collins, 2007). Num estudo de Rogers (2017) concluiu-se que os/as profissionais encontram na sua profissão um espaço único onde se podem sentir generosos/as e virtuosos/as. Vários autores parecem concordar com a premissa de que o envolvimento neste tipo de profissão permite a construção de uma identidade moral, “uma crença em si mesmos como boas pessoas” (Kleinman, 1996, p.5). Ao investir no trabalho com populações mais vulneráveis, os trabalhadores das designadas *helping professions*¹ tendem a atribuir um sentido de moralidade ao próprio trabalho, associando o “praticar o bem” a “ser bondoso” (Ashforth & Kreiner, 1999; Cabaniss, 2014; Deeb-Sossa, 2007).

Na investigação de Rogers (2017), a maioria dos/as entrevistados/as indica que trabalhar com pessoas em situação de sem-abrigo ajuda-os/as pessoalmente também, tratando-se de uma oportunidade de se compreenderem a si próprios/as e de se tornarem melhores pessoas. A energia sentida é descrita como bidirecional e o trabalho funciona como uma ocasião para fazer a diferença dando-se ao Outro, possibilitando uma construção positiva do próprio carácter. Isto traduz-se numa valorização do seu papel profissional através da construção de um sentido de virtuosidade e de utilidade. Congruente com estas conclusões, Peters e colaboradores (2021) indicam que os/as profissionais entrevistados/as apontam para um sentido de vocação resultante da sensação de poder ajudar a unificar a sociedade e a investir na sua comunidade local.

Retomando o estudo de Canda (1998), e tendo por base uma perspetiva transpessoal, o autor aponta que à medida que a autoconsciência cresce, o envolvimento com os outros e com o mundo torna-se inevitável, na medida em que se desenvolve a consciência de que o bem-estar pessoal e o bem-estar do Outro estão intrinsecamente conectados. Assim, a necessidade de se transcender passa a ser guiada pela conceção de que o próprio bem-estar está ligado a um compromisso de promover o bem-estar do Outro, o que, no caso dos/as profissionais, pode culminar num determinado sentido de propósito/vocação.

Este sentido de vocação e a sensação de virtuosidade e utilidade podem reforçar o retorno positivo do trabalho. Tal como referido anteriormente, não é evidente que estas características precedam ou sejam pré-condições para o exercício profissional, sendo provável que possam ser desenvolvidas, moldadas e promovidas por esse mesmo exercício. Interessa, por isso, também perceber em que medida é que a experiência e o contacto com determinadas

¹ ocupações que garantem serviços de saúde e educação a indivíduos/grupos nas áreas da psicologia, psiquiatria, aconselhamento, medicina, enfermagem, serviço social, terapia física e ocupacional, ensino e educação (APA, 2021)

populações pode proporcionar novas aprendizagens e trazer consigo transformações nas vidas dos/as trabalhadores/as. O trabalho na área social parece ser considerado, a este nível, um dos mais recompensadores (Collins, 2007). No estudo de Peters e colaboradores (2021), os/as profissionais elencam inúmeros benefícios da profissão, tais como a sensação de poder ser uma influência positiva, o sentimento de realização a testemunharem o progresso dos utentes e o seu cumprimento de objetivos, a forma como desenvolvem as suas capacidades e adquirem uma independência crescente. Ao nível das transformações pessoais, mencionam uma mudança nas suas perspetivas, um entendimento diferente sobre a realidade da intervenção e referem como a sua função os ajudou a reavaliar as próprias preocupações e a perspetivar a vida de forma mais positiva. Estes/as profissionais apontam sentirem-se mudados pela profissão, tendo-se tornado mais conscientes, atentos/as, pacientes, o que lhes permitiu também realizar menos julgamentos acerca do Outro. É ainda referida a descoberta de novas capacidades, modificações nos próprios valores e uma sensação de gratidão perante as suas condições de vida, quando se comparam com as populações com as quais lidam.

Método

Objetivos

A presente investigação procurou explorar a forma como os/as profissionais que atuam em contacto com as pessoas em situação de vulnerabilidade, mais concretamente em situação de sem abrigo e utilizadores de substâncias psicoativas, conceptualizam a Espiritualidade, quais as suas crenças, experiências e de que forma acreditam que estas eventualmente se refletem na sua prática. Além disso, pretendeu-se compreender a sua perspetiva face à importância da dimensão espiritual na vida da população com a qual trabalham diariamente.

Atendendo à natureza exploratória do estudo, optou-se por uma investigação de cariz qualitativo.

Participantes

Os/as participantes da presente investigação são doze profissionais que trabalham com pessoas em situação de vulnerabilidade, em particular pessoas em situação de sem-abrigo e utilizadores de substâncias psicoativas. Os/as participantes foram recrutados através de três

instituições: uma IPSS, uma ONGD e uma associação ativista, que atuam em diferentes zonas da cidade do Porto.

A tabela de caracterização da amostra (Apêndice A) sintetiza algumas das características demográficas dos/as participantes. É possível observar que as suas idades estão compreendidas entre os 26 e os 44 anos, sendo que dez participantes se identificam com o género feminino e os restantes dois participantes se identificam com o género masculino. Quanto à profissão que exercem nas respetivas instituições, cinco dos/as participantes são psicólogos/as, outras quatro são assistentes sociais, um atua enquanto educador de pares, uma enquanto socióloga e uma como animadora sociocultural. A participante com mais anos de atividade tem cerca de vinte e um anos de experiência profissional e a participante com menos experiência tem cerca de quatro anos de contacto com a área.

Foram selecionados/as os/as profissionais com experiência de trabalho com pessoas em situação de vulnerabilidade que, mediante explicitação do objetivo do estudo, revelaram disponibilidade para realizar a entrevista.

Instrumento

Optou-se por realizar uma entrevista semiestruturada (Apêndice B), que se inicia com algumas questões demográficas, seguidas de questões abertas que pretendiam explorar a perspetiva dos/as participantes acerca de diversos aspetos da sua profissão, de que forma conceptualizam a Espiritualidade e a sua integração no trabalho. Relativamente à questão número cinco, uma vez que o conceito de Espiritualidade é bastante abrangente e subjetivo, optou-se por aplicar uma técnica semiprojetiva. Apresentando uma noção de Espiritualidade que sintetizasse algumas das definições revistas no enquadramento teórico deste trabalho (e adotada no âmbito do mesmo), foi pedido aos/às participantes uma reflexão acerca da mesma:

“A Espiritualidade é um aspeto da humanidade que se refere à forma como os indivíduos procuram e expressam um sentido de significado, propósito ou missão. Diz respeito à maneira como ser humano experimenta a sua conexão consigo mesmo, com os outros, com o momento, com a natureza e com aquilo que é considerado significativo ou sagrado.” (Hodge, 2001; Pargament, 2007; Snyder & Lopez, 2009, citado em Cunha & Scorsolini-Comin, 2019a; Marques, 2010; Senreich, 2013).

Procedimentos de Recolha e Análise de Dados

O processo de recrutamento deu-se a partir de métodos de amostragem não-probabilística, por conveniência, uma vez que a investigadora se encontrava a realizar estágio curricular na IPSS referida, integrava a equipa de voluntários da associação ativista e atendeu a uma formação na ONGD.

As entrevistas foram realizadas entre fevereiro e setembro de 2022, sendo que onze destas foram conduzidas presencialmente e uma virtualmente, através de uma videochamada com recurso à plataforma *Zoom*. Os conteúdos foram registados por gravação áudio e transcritos posteriormente na íntegra. Recolheu-se o consentimento dos/as entrevistados/as para uma participação informada e esclarecida (Apêndice C), no qual foram contemplados os objetivos do estudo, o caráter voluntário e anónimo da participação e a salvaguarda relativamente à confidencialidade dos dados.

O referencial para a análise dos dados obtidos foi a análise temática orientada por uma lógica indutiva (Braun & Clarke, 2006). Numa primeira fase, procedeu-se à leitura detalhada das transcrições das entrevistas, seguida da identificação e codificação das características mais relevantes dos conteúdos recolhidos. Posteriormente, procedeu-se à criação de temas mais amplos e à definição categorial.

Apresentação e Discussão de Resultados

Da análise do conteúdo das entrevistas resultam três grandes categorias: as conceções individuais de Espiritualidade dos/as profissionais entrevistados/as; a visão acerca da influência da Espiritualidade na sua prática profissional; a Espiritualidade enquanto dimensão importante na vida das pessoas em situação de vulnerabilidade, tendo por base a perceção dos/as profissionais. Estas categorias e suas subcategorias serão apresentadas e ilustradas em detalhe nesta secção.

Conceções individuais de Espiritualidade

A vastidão de respostas obtidas por parte dos/as profissionais é representativa da subjetividade do conceito de Espiritualidade. Conclui-se que cada profissional tem a sua própria visão, uma perspetiva única daquilo que entende ser esta dimensão que vai além da matéria, do

que concerne ao âmbito do espírito, do imaterial, do que não é palpável. Embora existam definições que se tocam, são múltiplas as formas de a conceber e de se relacionar com esta dimensão. Estes resultados parecem corroborar os encontrados noutros estudos que procuram abordar estas conceções individuais de *helping professionals*, que também sublinham este carácter diverso, multifacetado e complexo do exercício de tentar definir aquilo que significa para cada um a Espiritualidade (McSherry & Jamieson, 2013).

As conceções partilhadas pelos/as nossos/as participantes parecem ser consoantes com alguns aspetos das definições de Espiritualidade aplicadas ao trabalho social propostas por Canda & Furman (1999, citado em Furman et al., 2005) e dividem-se em nove diferentes subcategorias: Espiritualidade e Religião; Espiritualidade enquanto a possibilidade da existência de algo superior; Espiritualidade enquanto determinismo; Espiritualidade enquanto o não expresso e o não expressável; Espiritualidade enquanto complemento; Espiritualidade enquanto desenvolvimento; Espiritualidade enquanto conexão; Espiritualidade enquanto a procura por um propósito; Negação da Espiritualidade.

Espiritualidade e Religião

Ainda que Espiritualidade e Religião sejam conceitos distintos, são comumente confundíveis. O termo “Espiritualidade” é frequentemente avaliado a partir de uma visão religiosa (Moreira-Almeida et al., 2014), pelo que, ainda que a palavra “Religião” não se encontre no estímulo apresentado aos/às participantes, a maioria optou por abordar esta questão. As respostas obtidas parecem refletir, por isso, uma determinada orientação religiosa, com participantes a assumirem-se enquanto católicos/as, cristãos/cristãs, ortodoxos e até como crentes/religiosos/as não praticantes. Tecem as suas considerações face a este tema e o que se denota é que há uma negação da Religião enquanto sistema sociocultural de comportamentos e práticas, ligada à ética e à moral ou associada a determinadas organizações religiosas:

Eu não acredito em Religião, não acredito em rituais. A Religião é um conjunto de regras que nos prende, são regras criadas por Homens, tudo muito quadrado, e por isso, não me faz sentido porque facilmente se cai no fanatismo. Caímos no extremo e isso não nos traz liberdade e felicidade. Para mim a ligação com Deus não é uma questão de Religião, não está preso a um conjunto de regras. (P5)

Tenho influências espíritas, católicas, judaicas...mas hoje deixei de estar diretamente ligada, tenho uma crença, mas é independente da Religião. (P2)

Canda & Furman (2010, citado em Garcia-Irons, 2018) definem “Espiritualidade” como uma parte constituinte da humanidade que envolve uma ligação a algo superior e “Religião” como a forma como o indivíduo expressa essa ligação, estando associada à parte prática/ritualística, o que pode justificar esta negação da Religião enquanto sistema, mas não a negação da existência de uma crença. Paloutzian (2016) aponta que há cada vez mais uma noção de Espiritualidade alheia à Religião, porque o uso do termo Espiritualidade é mais inclusivo e engloba uma condição presente em todos/as, religiosos/as ou não. Tal parece refletir-se na narrativa de alguns/mas dos/as entrevistados/as que preferem definir-se nessa dissociação entre aquilo que é ter uma crença espiritual e aquilo que é ter uma Religião:

Muitas vezes ligamos a Espiritualidade à Religião e não tem nada a ver com isso. Ser espiritual vai muito além da Religião, é mesmo esta capacidade de teres algo em que acreditas. (P6)

Espiritualidade enquanto a possibilidade de existência de algo superior – Deus?

A maioria dos/as participantes acredita que a Espiritualidade pode ser encarada enquanto a crença na existência de algo superior e atribuem-lhe diferentes nomes e formas – *universo, estrelinhas, luz*, e, sobretudo, *Deus*. Neste sentido, Spencer (2012) indica que a Espiritualidade prende-se essencialmente com a experiência de não nos sentirmos sós, de nos sentirmos conectados a algo superior, algo considerado maior que o próprio ser humano. Essa conexão parte de uma necessidade de ressignificar a experiência humana além do abstrato, pelo que a atribuição de uma forma e de um nome - Deus - possibilita a construção de uma relação com essa dimensão do espírito (Hamilton, 2020). Os/as profissionais entrevistados/as parecem ter diferentes perspetivas acerca de Deus e da forma como se relacionam com essa entidade: Deus em cada um de nós; Deus enquanto alguém com quem estabelecemos um relacionamento pessoal; Deus na conceção católica; mas também, a rejeição da existência de Deus.

O que eu acredito é que nós somos os nossos próprios Deuses. Cada um é o Deus de si, os santos de si e podemos às vezes ser também o Deus dos outros. Cada um no seu estilo é sagrado. (P1)

Acredito em Deus como o criador do homem e da mulher, de todos os seres humanos, o criador da natureza, dos animais, o fundador de todo este mundo e acredito que nós precisamos deste relacionamento para nos sentirmos totalmente felizes, tranquilos, completos. Deus é um relacionamento. (P5)

É importante para nós aquilo a que nós atribuímos esse significado, pode ser uma coisa superior ou não, superior neste sentido da relação vertical, se pensarmos nessa ideia de um Deus. Se é uma questão pessoal, não tenho essa visão, não atribuo esse significado. (P3)

Não acredito em Deus. Acredito naquilo que é real e concreto. (P11)

Espiritualidade enquanto determinismo

Surge também no discurso de alguns/mas participantes a associação entre a Espiritualidade e a ideia de determinismo, a crença de que não existem acasos e de que há um destino traçado *a priori* para os acontecimentos que se desenrolam e que definem a nossa vida e as nossas escolhas aparentemente autodeterminadas. Giberson (2017) indica que a maioria das pessoas acredita que tudo acontece por um motivo, há uma tendência natural para se acreditar que existe um desígnio que permeia todos os acontecimentos e que nenhum evento ocorre sem um sentido, de forma aleatória.

Não sei se há alguma coisa superior a nós, talvez o destino. Eu acredito que quando é para ser, é para ser. Foi destinado todo o meu percurso, foi destino estarmos aqui a ter esta conversa. (P1)

Este raciocínio teleológico pode constituir-se como um produto cognitivo da tendência natural do ser humano para ver o mundo em termos de agência, propósito e planeamento (Banerjee & Bloom, 2014) e pode ou não traduzir a crença num/a agente responsável por planejar todos os acontecimentos. Reflete-se em aforismos como “tudo acontece por uma razão”, “estava destinado a ser” ou na percepção de que determinados eventos ocorrem com um simbolismo ou função específica, como para “ensinar uma lição” ou “enviar um sinal” (Banerjee & Bloom, 2014b):

Para mim, não há acasos. As coisas não acontecem por acaso, acho que nós temos de vivenciar as coisas para aprendermos algo e quando tu não aprendes, as coisas retomam. Eu acredito, no fundo, que não há coincidências, e a forma como nós lidamos com o que acontece depois influencia também as tuas vivências e o teu próprio processo. (P4)

Acredito que não estamos aqui por acaso, até porque o meu percurso é tão particular, tem de haver nexos para isto tudo, um propósito. As pessoas muitas vezes procuram explicação para as coisas e, na realidade, nenhum de nós consegue encontrar uma. Às vezes uma série de coincidências fazem-te pensar que existe algo mais, maior. (P8)

Espiritualidade enquanto o não expresso e o não expressável

Muito patente também num grande número de entrevistas é a dificuldade em expressar por palavras aquilo que se entende por Espiritualidade, definindo-se inclusiva e paradoxalmente o conceito como aquilo que não se explica ou não se expressa. Trata-se de algo que vai além da racionalidade, difícil de conceber pela nossa mente e que fica sempre no âmbito do abstrato, uma vez que estamos a tentar materializar por palavras aquilo que consideramos ser da dimensão do espírito.

Só o termo em si, Espiritualidade, é forte. Quase como o oposto à razão, a tudo o que deve ser este nosso contexto ocidentalizado. É algo sem padrões e parâmetros, desconhecido, que implica aceitar que há muito para além do que estamos habituados, além do controlo, não é parametrizada pela lógica da ciência. (P12)

Não te sei explicar, mas posso tentar. É uma coisa que não é palpável, é uma coisa que tu sentes! E tem tudo a ver com Espiritualidade, porque são aquelas coisas cá dentro que tu não sabes explicar. (P2)

É difícil pôr em palavras, não há racionalidade que explique, por muito que sejas cientificamente culta, não há ciência, não há mente que explique determinadas coisas efetivamente. (P8)

Esta dificuldade foi também reportada noutros estudos em que se pretendia perceber concepções individuais de Espiritualidade. Curcio & Moreira-Almeida (2019) relatam que a dúvida, confusão e insegurança estão patentes quando as pessoas tentam definir este fenómeno, dada a sua complexidade. Khalsa e colaboradores (2020), curiosamente num estudo com cientistas, afirmam que definir a Espiritualidade para os/as seus/suas participantes era como falar outra Língua, sugerindo que se trata de algo que deve ser experimentado para ser verdadeiramente compreendido.

Não sei muito bem o que dizer sobre a Espiritualidade, nunca me tinha acontecido não ter o que dizer. Não é porque não se vê que eu não acredito. Faz parte de mim, não tenho como dizer que isto não existe. Há coisas que não se explicam, há uma magia em certas situações, situações que a nossa mente e as palavras não conseguem explicar. (P7)

Espiritualidade enquanto complemento

Uma das participantes considera que o papel que a Espiritualidade assume, quando interpretada, talvez, como sinónimo de Religião, pode ser substituído por outras vertentes, como a Arte:

Não sei se será apenas a Espiritualidade que cumpre esta função de dar sentido ou significado à vida e à forma como as pessoas se ligam a elas próprias e aos outros. Acredito que é importante para nós aquilo a que nós atribuímos esse significado, pode ser uma coisa superior ou não, superior neste sentido da relação vertical, se pensarmos nessa ideia de um Deus. Penso que isto pode ser feito não apenas pela Espiritualidade mas também através da arte, significar pela arte. (P3)

Moran (2021) aponta que a arte era um veículo de ligação ao transcendente, mesmo quando a ordem religiosa era a ordem primordial de organização do mundo e, por isso, na ausência de um sentido de religiosidade, é possível expressarmos essa ligação através da arte. A arte permite-nos explorar formas de ver o mundo e de nos relacionarmos com ele, não só ao nível das experiências materiais como as imateriais, as consideradas adjacentes ao nosso próprio ser (Radford, 2000). O autor associa inclusivamente o papel do professor de artes ao do educador espiritual: “the teacher is also concerned with making sense through the aesthetic

response, to human feelings and experiences that are a part of the shared legacy of what it means to be human” (p.286).

Um outro participante assume que a Espiritualidade poderá ser útil, mas como complemento de outras práticas, como a Psicologia:

Como psicólogo, acho que é uma componente muito importante na superação das adversidades, numa lógica individual. A intervenção social tem sujeitos lá dentro, o sofrimento psicológico pode ser individual e a ajuda pode acontecer neste plano também, portanto, acho que Espiritualidade pode ter um papel importante, aliada à Psicologia. (P11)

Em estudos que procuram aliar a Espiritualidade à Psicologia (Brown et. al, 2011; Junior, 2011), demonstra-se como a compreensão do indivíduo deve partir de um modelo biopsicossocial-espiritual. Tratando-se de um indicador importante acerca da forma como o Outro se apresenta no mundo, a crença espiritual do indivíduo é frequentemente perspectivada como uma força significativa ou como um fator protetor que o profissional de saúde pode utilizar na intervenção. Farris (2005, citado em Oliveira & Junges, 2012,) propõe uma compatibilidade entre a Psicologia e a Espiritualidade, que podem ser entendidas como “dois universos simbólicos que usam conceitos diferentes para descrever um processo semelhante de construção, percepção ou criação de significado” (p. 473). Ao reconhecer a relevância dos aspetos espirituais/religiosos, não deixamos de parte a prática do conhecimento científico, mas abrimos a possibilidade de agir enquanto seres humanos, partindo de uma perspectiva integrativa do Outro (Dal-Farra & Geremia, 2010).

Espiritualidade enquanto desenvolvimento pessoal

Algumas das pessoas entrevistadas assumem que a Espiritualidade pode também constituir-se como um caminho, uma jornada de aprendizagem e de transformação pessoal. Todos os seres humanos carregam consigo uma tendência inata ao desenvolvimento e à realização pessoal, uma necessidade intrínseca de criar e recriar o mundo a partir de si mesmos. Assim, o autoconhecimento parece ser encarado como um processo de crescimento espiritual que leva o sujeito a um encontro profundo consigo mesmo, com a sua interioridade (Fong, 2009; Winnicott, 1988, citado em Junior, 2011):

Eu acho que a Espiritualidade é um crescimento pessoal. Pode ser um crescimento sobretudo emocional, é uma aprendizagem, um caminho contigo próprio. (P4)

Espiritualidade é o desenvolver desta conexão que temos connosco mesmos e é o que nos faz continuar, faz com que crescamos. (P1)

Quando questionados/as acerca da forma como o trabalho que exercem pode constituir-se como um veículo de transmutação e crescimento pessoal, ainda que nem sempre o associem de forma direta ou indireta à dimensão da Espiritualidade, os/as profissionais mencionam aprendizagens e transformações que se prendem essencialmente com a dimensão humana e relacional da profissão que exercem. Um dos participantes menciona inclusivamente que a experiência profissional resume-se a esta abertura à aprendizagem:

É perceberes que não tens nada para ensinar, tens é muito para aprender e na mudança que isso provoca em ti próprio (P11).

As transformações enumeradas estão alinhadas com as identificadas pelo estudo de Peters e colaboradores (2021), que aborda as experiências de profissionais que trabalham com pessoas em situação de sem-abrigo e podem ser organizadas em três domínios principais: ao nível da visão do Outro, da perspetiva de vida e de educação e desconstrução pessoal.

Ao nível da visão do Outro, os/as profissionais entrevistados/as mencionam uma postura e uma forma de estar que se alterou com a experiência profissional e que se traduz num respeito, sensibilidade e compreensão diferentes do Outro. Tal como no estudo de Peters e colaboradores (2021), os/as participantes também mencionam que a profissão lhes permitiu tornarem-se mais conscientes, pacientes, atentos/as e a realizarem menos julgamentos:

Comecei a estar mais atenta aos sinais, não só aquilo que a pessoa te diz mas à forma como ela olha para ti. Acabas por aprender a ter mais sensibilidade com as pessoas, a preocupar-te mais, a estar mais atenta e aprendi também a respeitar o outro, a vê-lo como igual. (P2)

O trabalho aqui e a formação deu-me a sensibilidade de perceber que o outro não tem a tua vivência, não tem de viver segundo os teus valores, teve as oportunidades diferentes das tuas.

Aprendes a despir-te daquilo que tu és e olhar para a pessoa com aquilo que ela é, com aquilo que ela tem, com toda a sua bagagem. (P5)

Aprendi o lugar do outro, o lugar do outro é um lado que deve ser muito respeitado. (P11)

Relativamente às transformações apontadas no domínio da perspetiva de vida, os/as entrevistados/as assumem que o contacto com a realidade das populações que vivem em situação de vulnerabilidade, nomeadamente as pessoas que se encontram em situação de sem-abrigo e as pessoas que utilizam substâncias psicoativas, causou uma transformação na forma como perspetivam as suas próprias vidas. À semelhança do observado no estudo de Peters e colaboradores (2021), os/as profissionais do presente estudo também elencam algumas transformações pessoais que os/as motivaram a reavaliar as próprias preocupações e a perspetivar a vida de forma mais positiva:

Trabalhar na Redução de Riscos muda completamente a nossa perspetiva do que é a vida, do que é estar, do que é o bem-estar, do que é a sobrevivência humana e isso tem um impacto bastante grande na nossa vida pessoal. (P3)

Acho que percebes que o mundo não é assim tão igual como às vezes nós achamos que é e que há mesmo muitas disparidades. Acho que isto te permite abrir os horizontes e estares mais aberto aos outros e ao mundo. (P6)

Finalmente, ao nível da educação e desconstrução pessoal, mencionam a forma como o trabalho lhes permitiu “educarem-se” e desconstruir determinados preconceitos, num sentido de auto-atualização. Peters e colaboradores (2021) também fazem referência à descoberta de novas perspetivas, modificações nos próprios valores e um entendimento diferente sobre a realidade da intervenção:

Eduquei-me, nós crescemos todos com uma forma de ver as coisas e desde pequeninos que nos ensinam que a droga é má, logo, o toxicodependente também não é muito boa pessoa. O que este trabalho me deu foi a capacidade de me educar, de perceber o que é que leva a pessoa ao «mundo da droga». (P9)

Com o tempo tu percebes qual é o lado certo da história, esta história da intervenção é apenas o reflexo de uma história que está a ser contada há centenas de anos. São uns que escrevem a história dos outros: «eles são excluídos, eles são toxicodependentes, eles não têm recursos, eles são aquilo» – é apenas uma história, é um discurso que se cria sobre eles.
(P11)

A propósito do relato destas aprendizagens e deste processo de evolução pessoal, metade dos/as participantes menciona explicitamente que o trabalho os permitiu tornarem-se “melhores pessoas” ou assumir uma maturidade que de outra forma não teriam adquirido:

Enquanto ser humano, fez com que me tornasse melhor pessoa. Cresci muito porque quando te comesças a preocupar mais com o outro, tu amadureces em todos os sentidos. (P2)

Espiritualidade enquanto conexão

Enquanto uns/umas participantes a encaram como um caminho de desenvolvimento pessoal (ainda que sempre em relação com o Outro), outros/as consideram que é esta relação ou conexão que está no cerne daquilo que caracteriza a Espiritualidade. Para estes/as participantes, são as relações e conexões que estabelecemos com o que nos rodeia, não só com as pessoas, mas também com o meio envolvente, que convocam um sentido de pertença e de unidade que diz respeito ao âmbito espiritual. Prasinós (1982) aborda a experiência da Espiritualidade enquanto “experiência unitiva” - um estado em que nos sentimos fundamentalmente unidos com algo além de nós próprios, que ocorre quando nos conectamos com o Outro, com a Humanidade, com o Todo:

A Espiritualidade é mais isto, a relação. Nós somos seres da relação, na relação, com a relação e sem relação não há seres, portanto não há Espiritualidade possível, porque só na relação é que nós significamos. Se pensarmos no conceito de Religião, que significa «religar», eu volto à relação. Só nos ligamos em relação com o outro. (P3)

A Espiritualidade é quando crias uma conexão e uma empatia com as pessoas que estão à tua volta, quando sentes que fazes parte disto tudo, o planeta, a humanidade. Acho que nós estamos todos conectados e isto é a Espiritualidade, para mim. (P4)

A Espiritualidade é perceber que nós estamos todos ligados, somos uma mesma coisa, a forma como eu lido contigo vai-se reproduzir em mim também porque não há esta falsa sensação de estarmos dissociados. A Espiritualidade é a capacidade de amar o Todo, com verdade, onde tu próprio estás incluído também. (P12)

Para Biestek (1957), a relação é a alma do trabalho social. Sem expressões de cuidado para com o Outro que possam alimentar este senso de conexão, o trabalho social torna-se a "aplicação estéril do conhecimento científico", torna-se desumanizante (Dybicz, 2012, pp.272), perspectiva partilhada por uma das participantes:

Diria que é preciso um grande sentido de responsabilidade e admitir que o nosso papel aqui é de gerar vida, no sentido positivo, de sermos felizes e articularmo-nos com os outros nessa felicidade. Tem de haver racionalidade e intencionalidade na nossa prática e para isso ela precisa de alguma neutralidade. Mas também é preciso amar, nesse sentido mais profundo, que não deixa de ter esse toque espiritual, sentirmo-nos parte do mesmo. Se não houver isso, também não há nada, passa a ser uma coisa muito artificial, maquinal. Se só sou racional, só científica, acho que a intervenção se esgota, é preciso mais do que isso. (P12)

Assim, não será de admirar que quando questionados/as acerca de quais as características que consideram ser as mais importantes para se constituir o perfil de um/a bom/boa profissional, os/as participantes enfocam de novo esta ligação com o Outro, ainda que, uma vez mais, não surja necessariamente associada à dimensão de Espiritualidade. À semelhança do estudo de Kidd e colaboradores (2007), os/as nossos/as participantes relevam as competências pessoais que permitem fomentar a construção de uma relação de proximidade com a população-alvo, considerada a base para um bom desenvolvimento do trabalho.

Podes saber muito e dominar muito a teoria, mas aquilo que te torna um bom profissional é seres capaz de estabelecer relações de qualidade com as pessoas. (P8)

Atribuem maior importância às competências que permitem chegar ao Outro e entrar no seu mundo. Esta relação tem por base, essencialmente, a empatia, que surge aqui como a procura de uma comunhão emocional e de uma aceitação genuína e incondicional do Outro, e

o princípio da horizontalidade, que pressupõe a abolição de uma hierarquia na relação construída e a promoção da simetria, da igualdade e da abertura. A aplicação destes valores é, de acordo com Dybicz (2012), aquilo que vivifica a prática do trabalho social e confere-lhe a essência necessária para uma boa prática.

Para estabelecer essas relações de qualidade com pessoas em situação de vulnerabilidade, tens de conseguir perspectivá-las como iguais a ti. Tens de ter a disponibilidade porque não há relação sem o outro lado. Esta assepsia que querem incutir nas ciências sociais de não nos podermos envolver demasiado, a questão dos títulos, não faz sentido. Estamos a falar de relações de seres humanos, a terapia o que é senão a relação entre duas pessoas? (P8)

Essencialmente é a empatia, tu não aprendes a ser, ou és ou não és. É isso que faz toda a diferença, o olhar para o outro sem julgamentos, termos um trato humano para com ele. E não fazermos a distinção entre o «eles» e o «nós», nós somos um todo, somos todos um. (P2)

Há uma tendência para os técnicos de intervenção depositarem uma série de verdades sobre este outro, como se este outro tivesse de ser aquilo que nós somos, têm de ser aquilo que nós projetamos neles. Acho que o principal desafio é perceber o outro na sua alteridade, toda. Eu não tenho o direito de colonizá-lo, de dizer o que ele deve ser. (P11)

Prasinos (1982) relaciona esta empatia com a ideia de “experiência unitiva”, cujo resultado se torna uma possível expressão da Espiritualidade: “desenvolver, a título profissional, um sentido de empatia cada vez mais profundo pode tornar-se um caminho para o despertar espiritual” (p.42). Através do modelo Rogeriano, o autor reforça a ideia de que um trabalho que não esteja enraizado no cuidado do Outro, torna-se vazio e infrutífero, semelhante ao que partilha uma das participantes:

É um requisito jamais convencional, que vem da nossa área, a capacidade de estabelecer relações empáticas. Resume muito daquilo que é o nosso trabalho, mas da forma que se aprende, não sei até que ponto é que se consegue entendê-la com maior profundidade. Não são aperfeiçoados os princípios dessa coisa mais espiritual, da verdade, de estarmos ligados uns aos outros, de nos colocarmos numa posição também de humildade, de vulnerabilidade, para sermos capazes de ouvir o outro, e sem esses princípios, não é o mesmo. (P12)

A aceitação incondicional constitui-se como o veículo através do qual a experiência espiritual e unitiva se torna possível. Este ênfase conferido à dimensão empática da relação complementa-se com a perspectiva de Canda (1998) – quando a relação de apoio reflete um respeito genuíno e empatia, aprofundamos a nossa consciência do Sagrado inerente a cada pessoa e a cada situação.

Espiritualidade enquanto a procura por um propósito

A maioria das pessoas entrevistadas assume uma concepção pessoal da Espiritualidade enquanto uma tentativa de busca por um propósito, um sentido de missão para a vida, um princípio orientador que possibilite dar significado aos acontecimentos que lhe são inerentes. Safra (2003, citado em Junior, 2011) aponta que há naturalmente um movimento de religiosidade originário de procura para dar sentido às experiências no mundo, que busca sempre ir além daquilo que conhecemos, afirmando que “nascer é ser atravessado pelas questões e pelo mistério da existência” (p. 36). À semelhança de alguns/algumas participantes, Kimura e colaboradores (2012) consideram que definir Espiritualidade é encará-la como esta busca individual para compreender as questões da vida mais fundamentais.

A Espiritualidade enquanto esta capacidade de procurares um propósito, um significado, não necessariamente em algo sagrado ou um Deus, mas crenças que sejam os princípios que te orientam. Cada pessoa tem uma missão, um propósito de vida, algo que a guia. A Espiritualidade está ligada à descoberta dessa missão, do objetivo de vida, ao dar significado às coisas. (P6)

No nosso estudo foi possível observar que a maioria dos/as profissionais entrevistados/as encontra um sentido de comprometimento e propósito associado à sua profissão, uma crença de que este seu papel é altamente significativo para a sua identidade pessoal (Collins, 2007). Como refere Moore (1994, citado em Ashmos & Duchon, 2000): “All work is a vocation, a calling from a place that is the source of meaning and identity, the roots of which lie beyond human intention and interpretation” (p.136).

Confirmando também a perspectiva de Canda (1998), todos/as os/as doze participantes fazem menção à forma como esse propósito se reflete enquanto missão de entrega ao Outro,

expressa no contributo que procuram dar para o seu bem-estar, no serviço que se proporciona e na relação que se estabelece com os que os rodeiam.

Neste momento o meu propósito são as pessoas, tornar a vida dos outros melhor, não só das pessoas em situação de sem-abrigo, mas as pessoas em situação de vulnerabilidade em geral. O meu trabalho é o meu propósito de vida, a luta pelos direitos destas pessoas é o meu propósito de vida, porque eu sou uma pessoa que faz parte desta sociedade, se eu quero ver um mundo melhor para os meus filhos e os meus netos, eu quero fazer parte da construção disso. O propósito é a responsabilidade que eu sinto em fazer parte de algo que transforma vidas. (P8)

Este trabalho dá significado à minha vida, não há nada que valha fazeres o bem às pessoas. O meu propósito diário é vir e perceber que tenho de ser útil a alguém, ao outro, anular-me pessoalmente para me dar ao outro, acolher o outro, escutar o outro. (P10)

Estas perspetivas também parecem corroborar que o trabalho com populações vulneráveis carrega consigo uma associação entre “praticar o bem” e a perceção de “ser bondoso” (Ashforth & Kreiner, 1999; Cabaniss, 2014; Deeb-Sossa, 2007), permitindo ao profissional construir uma determinada identidade moral: “uma crença em si mesmos como boas pessoas” (Kleinman, 1996, p.5).

Negação da Espiritualidade

Apenas uma das participantes assume que não acredita em nada, que a ligação ao âmbito espiritual se fechou depois de passar por um processo de luto, que deu origem a uma revolta pessoal face a algo considerado “do além”. Diversos estudos (Exline, 2013; Pargament et. al, 2005) apontam que sentimentos como a dor, raiva, medo ou dúvida relacionados com crenças, experiências e práticas espirituais são relativamente comuns. Denominam-se de “conflitos espirituais” (Magyar-Russell, 2021) e caracterizam uma angústia sentida face a domínios que o ser humano considera como sagrados. Há uma tendência para que estes sentimentos surjam no contexto de acontecimentos ou experiências negativas (Collins, 2021), que incitam sensações semelhantes à descrita:

Sou uma pessoa muito racional, sou muito «ver para crer». Tornei-me assim muito descrente e estas coisas da Espiritualidade, do além, varreram-se. Foi mais uma zanga pessoal, acreditava em algo, numa força e depois disso pensei «para quê acreditar nestas coisas? Isto não existe, porque se existisse quiçá em situações difíceis mexia um dedinho e ajudaria. Mas isto é a realidade, isto é a dureza da vida», é o meu racionalismo sempre a falar. (P10)

A influência da Espiritualidade na prática profissional

A crença espiritual também se pode manifestar na forma como nos comportamos, como agimos, como interagimos com o Outro, inclusivamente no nosso papel profissional. Quanto questionados/as diretamente acerca do modo como essa crença ou conceção pessoal de Espiritualidade poderá influenciar o seu trabalho profissional, a maioria dos/as participantes refere que faz questão de segmentar, de não transpor as suas crenças para o âmbito profissional, tentando de forma clara que ambas as vertentes não se misturem. Nos casos em que assumem que possa existir essa influência, acreditam que só de forma involuntária ou inconsciente.

Só se influenciarem de forma inconsciente, porque eu na rua funciono muito no momento, procuro ser pragmática. E as pessoas são todas diferentes, não acreditamos todos no mesmo, faço essa separação porque é preciso respeitar a individualidade de cada um. (P2)

Não utilizo no trabalho esse tipo de práticas, promessas ou coisas que utilizamos para a vida pessoal, até porque respeito as decisões e crenças dos utentes, só estou cá para acompanhar e orientar. Se influenciam é inconscientemente. (P7)

Em ambos os discursos é feita a menção ao respeito pela individualidade e pelas crenças do Outro, princípio éticos adjacentes a uma boa prática profissional. Estas perspetivas parecem ser consonantes com algumas das preocupações reportadas pela literatura acerca da interferência da Espiritualidade no trabalho social, tais como: poder conduzir ao preconceito, rigidez e dogmatismo; ao desrespeito e a violação do direito à autodeterminação do utente; ao esbatimento de fronteiras profissionais; à violação dos preceitos do Estado laico; à tendência para a Religião suportar o *status quo* e impedir a justiça social; às conceptualizações vagas de Espiritualidade; à falta de preparação por parte dos/as profissionais para abordar a

Espiritualidade e a Religião; ao excessivo currículo do trabalho social, que não abre espaço para que se aborde estas temáticas na educação (Sheridan, 2009).

Por outro lado, num artigo que discute precisamente as considerações éticas na abordagem da Espiritualidade na prática profissional, Canda (2005) procura apresentar diversos princípios que possam colmatar estas preocupações e assegurar uma prática profissional eticamente responsável, que não tenha que se abster da dimensão espiritual: o exercício do não julgamento, direito à autodeterminação do utente, consideração positiva incondicional, consentimento informado, competência do trabalhador para abordar esta temática, promoção da justiça e combate à discriminação e opressão.

Cunha (2022) aponta que esta separação da dimensão que se considera ser pessoal da que se considera profissional, patente também nos discursos dos/as nossos/as participantes, assenta no pressuposto de que existe efetivamente uma forma de dissociar esses dois aspetos do indivíduo, como se se fragmentasse o ser humano. Nessa perspetiva, ao entrar no local de trabalho, o/a profissional teria de ser capaz de se despir de todas as referências, sentimentos e sentidos que o/a compõem além do âmbito profissional. A autora conclui que a Espiritualidade pode ser evocada para construir espaços de trabalho com mais sentido, significado e valorização dos/as próprios/as profissionais, influenciando o seu bem-estar e a qualidade dos serviços prestados, o que contraria essa visão fragmentada. Num estudo realizado com trabalhadores/as sociais (Kwan et. al, 2020) foi observado que a Espiritualidade desempenha um papel importante na forma como os/as profissionais compreendem a natureza do seu exercício, argumentando que, de facto, é difícil, se não impossível, que os/as trabalhadores/as sociais consigam deixar as suas crenças fora do trabalho. Os autores concluem que os/as profissionais encaram a sua profissão como uma plataforma para o exercício das suas crenças espirituais/religiosas. Salientam, contudo, que os resultados sugerem que esta influência pode ser apenas implícita: ela pode existir sem que o/a profissional mencione explicitamente assuntos religiosos/espirituais perante os/as seus/suas utentes.

Neste contexto, quatro dos/as profissionais entrevistados/as no nosso estudo consideram, de facto e assumidamente, que a existência de uma crença influencia a sua prática profissional e potencia-a, inclusive. A crença espiritual surge aqui como um fator que pode reforçar a ação do/a profissional (Canda, 1998), o que se reflete no trato, aceitação e na sensibilidade para com o Outro, mas também no enfrentar das adversidades e até enquanto princípio orientador da intervenção:

Às vezes as pessoas pensam que estes utentes são uma causa perdida e eu acredito que não há causas perdidas. Há causas difíceis, há casos impossíveis, mas eu acho que Deus nos ajuda sempre. Influencia o meu trabalho porque quando mais ninguém acredita, eu acho que vale sempre a pena, mais uma vez e mais uma vez. É cansativo? É, mas eu acredito em algo maior, portanto não há causas perdidas. (P5)

É impossível que não influencie. Tem os seus limites, deves agir com intencionalidade e baseado naquilo que a ciência te diz, mas ter a Espiritualidade profundamente presente facilita tudo, faz toda a diferença na relação com o outro e a relação é a base do nosso trabalho. Pode dar uma segurança à tua prática, na interação, na aceitação do outro. (P12)

Se tens alguma crença mais trabalhada ou mais profunda, torna-se impossível que não vás dando umas pinceladas daquilo em que acreditas na forma como ages com o outro. O facto de termos uma determinada direção, algo que orienta a nossa vida, faz-nos ser diferentes de quem se calhar não acredita em nada. Não que nos faça ser melhor ou pior, mas dá-nos um guia, um princípio orientador. Para mim a Espiritualidade, a crença, só faz sentido na ação. O cristão é, por definição, aquele que trabalha para que o irmão esteja bem, o mandamento que rege a igreja católica é amar o outro como a mim mesmo. Se eu acredito nessa dádiva com o outro, toda a minha forma de agir e de intervir, passa por aí. (P9)

Este último discurso parece estar alinhado com a perspetiva de Siporin (1985): a verdade só existe para o indivíduo se ela se traduzir em ação. Neste sentido, Baldacchino (2017) propõe o conceito de “working Spirituality” (p.2). Ela pode definir-se como o reconhecimento de que os/as profissionais possuem uma vida interior que alimenta e é alimentada por um trabalho com significado no contexto da comunidade (Ashmos & Duchon, 2000). Estes estudos apontam que a Espiritualidade, esteja ela inscrita numa crença religiosa ou não, tem necessariamente um impacto na vida profissional. Em particular, fazem menção à forma como as crenças religiosas podem motivar e enriquecer o trabalho social, daí que muitas organizações ao longo da História e em diferentes sociedades possuam origens religiosas. A perspetiva cristã da Espiritualidade, à semelhança do que expressa P9, orienta-se para uma visão do bem comum, do espírito comunitário e da compaixão, valores que poderão potenciar a ação do/a profissional.

Aplicar a Espiritualidade no trabalho pode, então, constituir-se como uma oportunidade de expressar aspetos que naturalmente compõe o nosso ser – “Understanding Spirituality at

work begins with acknowledging that people have both an inner and an outer life and that the nourishment of the inner life can lead to a more meaningful and productive outer life” (Fox, 1994, citado em Ashmos & Duchon, 2000, p. 135). Em particular, a participante P12, conclui que os princípios que guiam a ação do profissional que trabalha na área da desviância não são diferentes dos princípios espirituais, só lhes são atribuídos nomes diferentes:

Beneficiaria a desviância como outra área qualquer, se for possível ir-se introduzindo. É ir pensando nas pontes, é ver as pontes que há, porque elas já existem. O que os profissionais já fazem bate certo com outra designação qualquer que não espiritual, mas que tem a mesma essência que a Espiritualidade. Estarmos mais conectados com esses princípios vai-nos dar outra agilidade na atuação, que se calhar não é diferente daquela que aprendemos, porque os princípios batem certo. (P12)

Espiritualidade enquanto dimensão relevante na vida das pessoas em situação de vulnerabilidade

No que concerne ao papel que a Espiritualidade pode desempenhar na vida da população com a qual trabalham diariamente, a maioria dos/as profissionais considera que se trata de uma componente importante. As crenças espirituais são frequentemente percebidas e identificadas como fatores de proteção para lidar com os fatores de risco, com o *stress* e com os desafios que surgem diariamente (Oxhandler & Pargament, 2014; Drew et. al, 2021). Coerente com estas evidências mas também com as conclusões em relação à população em situação de sem-abrigo (Banyard, 1995; Thompson et al., 2016; Williams & Lindsey, 2006), a maioria dos/as participantes indicam que a Espiritualidade surge na vida dos/das utentes como fonte de força, proteção e motivação para lidar com as adversidades e ajuda a procurar um sentido e aceitação face à situação em que se encontram a viver.

É importante para eles, se reparares são muito resilientes. Eles têm sempre um objetivo, nem que seja conseguir sobreviver mais um dia, agarram-se sempre a algo, procuram algum significado que os permita manterem-se vivos, mesmo nas piores condições possíveis, até contra as nossas expetativas. Se calhar por haver ali uma crença, um propósito que se faz mais presente quando estás em situações mais vulneráveis. Portanto, a vulnerabilidade traz esta Espiritualidade mais ao de cima, mais até do que quando estás numa situação de comodismo,

porque nas situações limites tu és obrigado a construir uma missão, um objetivo, que pode ser espiritual. (P6)

Temos aqui utentes que são muito crentes e que me põem a questionar: eles têm todo um percurso desestruturado, em que perderam muito, em que perderam mais do que ganharam, e contudo acreditam? Acho que eles sentem que na realidade não estão sós, que há sempre algo dentro deles, uma força, seja o que for, a que eles se agarram que lhes dá algum sentido nos piores momentos. (P10)

Como psicólogo, acho que é uma componente muito importante na superação das adversidades. Há um provérbio húngaro que diz «na boca do lobo não há ateus». Eu diria que sim, qualquer coisa que aponte para um sentido, a Espiritualidade pode dar um sentido, dar umnexo, a tentativa de gerar um sentido a partir das adversidades. (P11)

À luz do referencial teórico do psicólogo Viktor Frankl, vários autores analisam de que forma as dificuldades e desafios se relacionam com o construir de um significado integrativo para a vida. De acordo com este autor (1998, citado em Benavent-Vallès et. al, 2021), a procura de um sentido último é o que mantém as pessoas vivas e com esperança face ao vazio da existência. O anseio por uma vida significativa permeia a existência humana em qualquer situação. Contudo, para as pessoas que se encontram numa situação de vulnerabilidade, o processo de atribuição de significado pode ser particularmente relevante (Harrington, 2014). Assim, elas enfrentem o desafio redobrado de recuperar algumas das fontes de significado vital, de criar um sentido a partir das adversidades (Lorenzo, 2018). Num estudo de Belcher & Mellinger (2016), conclui-se que a utilização da Espiritualidade no trabalho social ajuda os/as utentes a encontrarem aceitação através da construção de um sentido para a sua situação e para mundo que os rodeia, permitindo-lhes sentir que possuem um melhor controlo sobre aquilo que lhes acontece. Os autores apontam que a Espiritualidade e o trabalho social possuem o objetivo comum de ajudar as pessoas e a sociedade a funcionar de forma plena, com um intuito transformativo. Aliando a componente espiritual aos conceitos de justiça social, autodeterminação e empoderamento (Powell, 2005; Bradley et al., 2007; Øvreid, 2008), os autores reforçam a ideia de que, sem utilizar a ferramenta da Espiritualidade ao seu máximo potencial com os/as utentes, fica a faltar uma peça importante na prática efetiva que se pretende

dos profissionais. Ela deveria, então, ser utilizada enquanto ferramenta para encorajar as pessoas a procurar, além da aceitação, a transformação.

No entanto, para duas profissionais entrevistadas, a Espiritualidade não é considerada como uma dimensão relevante na vida das pessoas em situação de vulnerabilidade. Uma delas menciona uma negação de “algo superior” proveniente de um sentimento de revolta face às condições desfavoráveis em que a população vive, um fenómeno já previamente abordado na conceção individual dos/as profissionais - Negação da Espiritualidade.

As pessoas que vivem na rua estão completamente desacreditadas, seja do que for. Não acreditam em Deus, em nada. Como se veem naquela situação e muitas vezes foram abandonadas, por diversos motivos, estão mesmo desacreditadas. Às vezes em circunstâncias assim muito rotineiras, alguém diz «até amanhã se Deus quiser», eu já ouvi responderem «se Deus quiser nada, se Deus quisesse eu não estava aqui!» (P2)

Outra participante não sente que seja algo importante nas suas vidas, tratando-se eventualmente de algo culturalmente incutido nos discursos. De acordo Astor & Mayrl (2020), tem havido um interesse crescente no estudo do fenómeno da “Religião culturalizada”, que se define como uma forma de identificação, discurso e expressão religiosa cujo carácter é essencialmente cultural, na medida em que se distancia da crença em dogmas ou da participação em rituais.

Não sinto essa relação espiritual presente neles, mas poderá existir e não ser algo que seja visível. Entra mais o pensamento mágico do que propriamente a Espiritualidade. Em determinadas situações como a morte é capaz de surgir mais no discurso mas acho que é uma coisa mais cultural, reproduz-se o que se ouve nestas alturas. Não é algo que eu sinta presente na vida deles, no dia-a-dia, nas pequenas coisas, não sinto isso. (P3)

Contudo, esta participante também admite a possibilidade da Espiritualidade não se constituir como algo que seja visível, o que nos leva a retomar a perspetiva de Tryssenaar et al. (1999): dada a vulnerabilidade inerente ao fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo, normalmente esta população opta por guardar para si as suas crenças, que se tornam latentes ao olhar do profissional. Esse é um dos motivos que leva Kennard-Lyke (2002) a concluir que as necessidades espirituais e religiosas das pessoas em situação de sem-abrigo ainda não são

satisfeitas pelos serviços, que poderiam beneficiar de uma visão integrativa e holística do ser humano.

Considerações Finais

A presente investigação debruçou-se sobre a forma como os profissionais que atuam em contacto com as pessoas em situação de vulnerabilidade, em particular pessoas em situação de sem abrigo e utilizadores de substâncias psicoativas, conceptualizam a Espiritualidade: quais as suas crenças, experiências e de que forma acreditam que estas eventualmente se refletem na sua prática. Além disso, pretendeu-se compreender a sua perspetiva face à importância da dimensão espiritual na vida da população com a qual trabalham diariamente. Comprometemo-nos a trazer à discussão científica um tema geralmente encoberto, tanto a nível formativo, como a nível prático, explorando e refletindo acerca da forma como poderá ser possível a construção de um novo caminho, não antagónico nem paralelo, que possa conciliar a dimensão espiritual com a prática profissional.

Num verso retirado dos *Vedas*, a base do extenso sistema de escrituras hindus, lê-se “There is only one truth and learned persons call it by many different names” (Senthilnathan, 2016, p.9). Os/as profissionais entrevistados/as no nosso estudo parecem não partilhar de uma definição de Espiritualidade que lhes seja comum, ainda que surjam aspetos semelhantes. As definições contempladas são diversas, plurais e únicas, mas parecem estar presentes, embora de forma latente e implícita, no que todos/as os/as profissionais são e fazem, inclusive na participante que aparentemente a rejeita. É importante sublinhar que se denota nestas conceções alguma dificuldade em abordar a Espiritualidade sem mencionar a Religião ou a relação com Deus enquanto identidade superior. Esta dificuldade sugere que estamos culturalmente formatados/as para uma vivência da Espiritualidade direcionada para uma conceção católica do divino. A aparente desidentificação de alguns/algumas dos/as participantes com uma conceção católica de Religião, com as suas representações e a forma como nos ensinam a relacionar-nos com as suas convenções poderá provocar, na verdade, um certo afastamento daquilo que se entende por ser espiritual. A maioria dos/as participantes assume esse afastamento rejeitando a ligação entre Espiritualidade e Religião, não deixando, no entanto, de trazer esta última para a discussão. Importa talvez conceptualizar a Espiritualidade como uma dimensão que não implique necessariamente um diálogo acerca de Religião, para que possam ser concebidas como

valências distintas, que se implicam, mas não reciprocamente - Religião implica Espiritualidade, Espiritualidade não implica Religião.

A prática profissional com pessoas em situação de vulnerabilidade, em particular com as pessoas em situação de sem-abrigo, parece ser, segundo a perspectiva dos/as nossos/as participantes, um veículo para encontrar e reforçar a ligação espiritual, numa lógica de influência mútua. Está patente em algumas das suas narrativas a forma como a crença espiritual pode orientar e potenciar a intencionalidade da prática, refletindo-se no trato, aceitação e na sensibilidade para com o Outro. Cunha (2022, p.205) aponta para a necessidade de “(...) fomentar perenemente que o acolhimento da Espiritualidade – de si e do Outro – pode ser um caminho para a construção de práticas mais humanizadas, que respeitem o sujeito e a sua ancestralidade, que considerem a alteridade, que valorizem a diversidade, que nos habilitem para a escrita de um mundo marcado pela integralidade e pela tolerância”. A ênfase colocada pelos/as nossos/as participantes no humanismo, na aceitação incondicional e na visão holística do Outro poderão refletir o modo como a Espiritualidade se faz presente na forma como estabelecemos as nossas relações, como direcionamos as nossas ações, como intervimos profissionalmente. Poderão estes valores humanistas, que parecem demarcar um bom exercício profissional, ser inerentemente espirituais?

Estas conclusões e questionamentos não pretendem, contudo, descurar a necessidade de uma prática ética, sustentada por uma base científica que aceite e respeite diferentes crenças e convicções, um requisito referido pelos/as próprios/as participantes. Pelo contrário, reforça-se a necessidade de garantir uma educação e formação que possam munir o/a profissional de ferramentas para fazer essa ponte de forma integral. Esta educação/formação parece ser estrutural, uma vez que a maioria dos/as participantes entrevistados/as afirmam não se encontrarem habituados/as a refletir ou a partilhar as suas considerações acerca da Espiritualidade, motivo que poderá sustentar a dificuldade sentida na expressão das suas conceções e na perceção da sua influência na prática.

De facto, tal como questionam Larsen & Rinkel (2016), poderemos não estar a providenciar aos/as profissionais a oportunidade de uma autorreflexão que promova a identificação de crenças e conceções ligadas à sua compreensão espiritual do mundo. Reiteram que, sem esta reflexão e exploração pessoal, será também difícil aplicar uma prática espiritualmente sensível ou abordar a Espiritualidade dos/as utentes e contemplar as suas necessidades neste âmbito.

Espera-se que este estudo possa contribuir para o debate da pertinência da inclusão da Espiritualidade na prática profissional com populações em situação de vulnerabilidade – “somos pessoas espirituais a trabalhar com pessoas espirituais” (Canda & Furman, 2010, citado em Larsen & Rinkel, 2016, p.219). Propõe-se um diálogo mais profundo que não reduza a Espiritualidade ao emprego de técnicas ou procedimentos, que não a tornem uma dimensão que se anexa ao indivíduo – pelo contrário, a discussão deveria passar por, primeiramente, assumir que ela pode estar presente, independentemente do seu grau de visibilidade ou da importância que escolhemos atribuir-lhe, reconhecer a sua validade e assumir que se trata de algo que também nos compõe, sejamos profissionais, utentes ou investigadores/as. Procuramos, deste modo, ampliar a discussão além do paradigma exclusivamente biomédico incutido nas ciências sociais, que parece descurar a integralidade inerente ao ser humano. Este paradigma demarcado pelo pragmatismo tem levado à objetificação das experiências humanas, dos próprios valores da existência, do próprio sentido daquilo que é ser humano (Junior, 2011).

Limitações e Implicações para o futuro

Apesar dos contributos e conclusões decorrentes deste estudo exploratório, é possível apontar algumas limitações. Relativamente ao método adotado, tratando-se de uma investigação qualitativa, os resultados não são generalizáveis à globalidade dos/as profissionais que trabalham com pessoas em situação de vulnerabilidade, dado que contempla apenas a perspetiva de 12 participantes. Tratando-se de uma amostra recolhida por conveniência, junto de profissionais que trabalham em apenas três instituições, é provável que partilhem culturas organizacionais semelhantes, cujo âmbito de atuação se restringe à cidade do Porto, a mesma realidade de intervenção. No que diz respeito ao guião da entrevista, ainda que o intuito da utilização de uma técnica semiprojetiva passasse por facilitar a discussão acerca da Espiritualidade, ela poderá ter motivado um enviesamento das respostas e perspetivas dadas pelos/as profissionais, de modo que correspondessem aquilo que seria esperado para este estudo. Ademais, ainda que o contributo dos/as profissionais seja identificado como um veículo essencial para determinar o sucesso da intervenção, o nosso estudo reflete a opinião dos/as mesmos/as acerca da população com a qual trabalham, não recolhendo as perspetivas diretas das pessoas em situação de vulnerabilidade, neste caso, as pessoas em situação de sem-abrigo e os utilizadores de substâncias psicoativas. Deste modo, as conclusões recolhidas acerca da

importância da dimensão espiritual para estas últimas refletem apenas a perspectiva dos/as profissionais com as quais contactam, podendo não corresponder à realidade.

Robbins e colaboradores (1998, citado em Wiedmeyer, 2013) indicam que, dado o interesse crescente na Espiritualidade, torna-se imperativo aprofundar a análise do impacto da mesma na prática profissional. Assim, de forma a validar ou identificar elementos e considerações acerca da Espiritualidade que possam não ter sido contemplados neste estudo, novas investigações na área poderiam beneficiar da incorporação de um maior número de profissionais, de organizações e instituições com culturas e objetivos interventivos diferentes, de diversas áreas geográficas. Adicionalmente, salientamos a importância de realizar um estudo semelhante com o intuito de recolher as perspectivas das pessoas em situação de vulnerabilidade, de forma a adequar uma prática que possa ir ao encontro, caso se justifique, das necessidades espirituais identificadas. Poderá ser interessante também realizar um estudo que possa contrastar as perspectivas de profissionais com crenças diferenciadas. Por último, poderia também ser relevante compreender se será a existência de uma crença espiritual que potencia a prática profissional, ou se, por sua vez, será a prática profissional que reforça uma crença espiritual existente, sendo que para tal seria fundamental a realização de um estudo de natureza longitudinal.

Parecendo tratar-se de uma dimensão que poderá ser relevante para as pessoas em situação de vulnerabilidade, o nosso estudo sugere que os/as participantes necessitam de modelos e orientações sobre como aplicar a Espiritualidade na prática. Emerge a necessidade de criar espaços de diálogo, discussão e reflexão acerca da temática, bem como a importância de incluir esta dimensão nos currículos formativos (Sheridan et al., 1992) e articular a Espiritualidade com outros conteúdos.

Referências Bibliográficas

- APA Dictionary of Psychology (s.d.). Consultado em junho, 2021, de <https://Dictionary.Apa.Org/HelpingProfessions>
- Ashforth, B. E., & Kreiner, G. E. (1999). “How Can You Do It?”: Dirty Work and the Challenge of Constructing a Positive Identity. *Academy of Management Review*, 24(3), 413–434. <https://doi.org/10.5465/amr.1999.2202129>
- Ashmos, D. P., & Duchon, D. (2000). Spirituality at work: A conceptualization and measure. *Journal of Management Inquiry*, 9(2), 134–145. <https://doi.org/10.1177/105649260092008>
- Astor, A., & Mayrl, D. (2020). Culturalized Religion: A Synthetic Review and Agenda for Research. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 59(2), 209–226. <https://doi.org/10.1111/jssr.12661>
- Aykanian, A. (2018). Service and policy considerations when working with highly mobile homeless youth: Perspectives from the frontlines. *Children and Youth Services Review*, 84, 9–16. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2017.11.014>
- Baldacchino, D. (2017). Spirituality in the Healthcare Workplace. *Religions*, 8(12), 260. <https://doi.org/10.3390/rel8120260>
- Banyard, V. L. (1995). “Taking another route”: Daily survival narratives from mothers who are homeless. *American Journal of Community Psychology*, 23(6), 871–891. <https://doi.org/10.1007/bf02507019>
- Banerjee, K., & Bloom, P. (2014). Why did this happen to me? Religious believers’ and non-believers’ teleological reasoning about life events. *Cognition*, 133(1), 277–303. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2014.06.017>

- Banerjee, K., & Bloom, P. (2014b). "Everything Happens for a Reason": Children's Beliefs About Purpose in Life Events. *Child Development*, 86(2), 503–518. <https://doi.org/10.1111/cdev.12312>
- Belcher, J. R., & Sarmiento Mellinger, M. (2016). Integrating spirituality with practice and social justice: The challenge for social work. *Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought*, 35(4), 377–394. <https://doi.org/10.1080/15426432.2016.1229645>
- Benavent-Vallès, E., Puig-Pey-Saurí, M., Díaz-López, R., & Valcells-Goula, O. (2021). Dirección Vital. Propuesta de análisis para la detección de capacidades espirituales en la intervención social. *Trabajo Social Global*, 11, 56–85. <https://doi.org/10.30827/tsg-gsw.v11.15735>
- Bento XVI (2005). *Deus caritas est*. Consultado em setembro, 2022, de https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/en/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html
- Biestek, F. (1957). *The caseworker relationship*. Chicago: Loyola University Press
- Birnbaum, L., & Birnbaum, A. (2008). Mindful Social Work: From Theory to Practice. *Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought*, 27(1–2), 87–104. <https://doi.org/10.1080/15426430802113913>
- Bradley, C., Maschi, T., & Gilmore, K. (2007). One Woman's Life Journey. *Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought*, 26(4), 21–47. https://doi.org/10.1300/j377v26n04_02
- Braun, V. & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3:2, 77-101, DOI: 10.1191/1478088706qp063oa

- Brown, O., Elkonin, D., & Naicker, S. (2011). The Use of Religion and Spirituality in Psychotherapy: Enablers and Barriers. *Journal of Religion and Health*, 52(4), 1131–1146. <https://doi.org/10.1007/s10943-011-9551-z>
- Cabaniss, E. R. (2014). “We’re Like Visitors.” *Journal of Contemporary Ethnography*, 43(5), 624–653. <https://doi.org/10.1177/0891241614532499>
- Canda, E. (1998). Afterword: Linking spirituality and social work: Five themes for innovation. *Social Thought*, 18(2), 97–106. <https://doi.org/10.1080/15426432.1998.9960229>
- Canda, E. R., Nakashima, M., & Furman, L. D. (2004). Ethical Considerations about Spirituality in Social Work: Insights from a National Qualitative Survey. *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services*, 85(1), 27–35. <https://doi.org/10.1606/1044-3894.256>
- Canda, E. (2005). Integrating Religion and Social Work in Dual Degree Programs. *Journal of Religion & Spirituality in Social Work*, 24(1/2), 79–91. https://doi.org/10.1300/j377v24n01_08
- Collins, L. H. (2021). Working with clients who are angry at God. *Counseling Today*. Consultado em setembro, 2022, de <https://ct.counseling.org/2021/05/working-with-clients-who-are-angry-at-god/>
- Collins, S. (2007). Social workers, resilience, positive emotions and optimism. *Practice*, 19(4), 255–269. <https://doi.org/10.1080/09503150701728186>
- Cunha, V. F. D., & Scorsolini-Comin, F. (2019a). Best professional practices when approaching religiosity/spirituality in psychotherapy in Brazil. *Counselling and Psychotherapy Research*, 19(4), 523–532. <https://doi.org/10.1002/capr.12241>
- Cunha, V. F. D., & Scorsolini-Comin, F. (2019b). Religiosity Spirituality (RS) in the Clinical Context: Professional Experiences of Psychotherapists. *Temas Em Psicologia*, 27(2), 427–441. <https://doi.org/10.9788/tp2019.2-10>

- Cunha, V. F. D. (2022). Religiosidade/Espiritualidade (R/E) e Enfermagem: conhecimentos, experiências e práticas profissionais em um hospital geral. <https://doi.org/10.11606/t.22.2022.tde-19082022-083418>
- Curcio, C. S. S., & Moreira-Almeida, A. (2019). Investigação dos conceitos de religiosidade e espiritualidade em amostra clínica e não clínica em contexto brasileiro: uma análise qualitativa. *Interação Em Psicologia*, 23(2). <https://doi.org/10.5380/psi.v23i02.65434>
- Dal-Farra, R. A., & Geremia, C. (2010). Educação em saúde e espiritualidade: proposições metodológicas. *Revista Brasileira De Educação Médica*, 34(4), 587–597. <https://doi.org/10.1590/s0100-55022010000400015>
- Deeb-Sossa, N. (2007). Helping the “Neediest of the Needy.” *Gender & Society*, 21(5), 749–772. <https://doi.org/10.1177/0891243207306380>
- Dolcos, F., Hohl, K., Hu, Y., & Dolcos, S. (2021). Religiosity and Resilience: Cognitive Reappraisal and Coping Self-Efficacy Mediate the Link between Religious Coping and Well-Being. *Journal of Religion and Health*. <https://doi.org/10.1007/s10943-020-01160-y>
- Drew, D., Banks, J., & Joseph, R. (2021). Religion and spirituality in clinical practice: an exploration of comfort and discomfort among practitioners. *Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought*, 41(1), 104–120. <https://doi.org/10.1080/15426432.2021.1994099>
- Dybicz, P. (2012). The Ethic of Care: Recapturing Social Work’s First Voice. *Social Work*, 57(3), 271–280. <https://doi.org/10.1093/sw/sws007>
- Exline, J. (2013). Religious and spiritual struggles. *APA handbook of psychology, religion, and spirituality (Vol. 1): Context, theory, and research*. American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/14045-000>

- Fong, S. N. (2009). A importância do autoconhecimento. São Paulo: Instituto União. Consultado em setembro, 2022, de <http://www.institutouniao.com.br/artigos/autoconhecimento>
- Furman, L. D., Benson, P. W., Canda, E. R., & Grimwood, C. (2005). A Comparative International Analysis of Religion and Spirituality in Social Work: A Survey of UK and US Social Workers. *Social Work Education*, 24(8), 813–839. <https://doi.org/10.1080/02615470500342132>
- Garcia-Irons, A. (2018). The place of Spirituality in Social Work: Practitioners' personal views and beliefs. *Electronic Theses, Projects, and Dissertations*. 656. <https://scholarworks.lib.csusb.edu/etd/656>
- Giberson, K. (2017). Does Everything Happen for a Reason? *HuffPost*. Consultado em setembro, 2022, de https://www.huffpost.com/entry/does-everything-happen-for-a-reason_b_7628134
- González, A. D., & Almeida, M. J. D. (2010). Integralidade da saúde: norteando mudanças na graduação dos novos profissionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(3), 757–762. <https://doi.org/10.1590/s1413-81232010000300018>
- Hamilton, J. B. (2020). Religion and Spirituality in Healthcare: Distinguishing Related and Overlapping Concepts From an African American Perspective. *Cancer Nursing*, 43(4), 338–339. <https://doi.org/10.1097/ncc.0000000000000749>
- Harrington, A. (2014). The importance of spiritual assessment when caring for older adults. *Ageing and Society*, 36(1), 1–16. <https://doi.org/10.1017/s0144686x14001007>
- Hodge, D. R. (2001). Spiritual Assessment: A Review of Major Qualitative Methods and a New Framework for Assessing Spirituality. *Social Work*, 46(3), 203–214. <https://doi.org/10.1093/sw/46.3.203>

- Jensen, P. M., Trollope-Kumar, K., Waters, H. & Everson, J. (2008). Building physician resilience. *Canadian Family Physician*, 54(5), pp. 722 – 9.
- Junior, F. (2011). Psicologia clínica e espiritualidade/religiosidade: interlocução relevante para a prática clínica contemporânea. *Psicologia Revista*. São Paulo, 20 (1), 29-41
- Khalsa, S., Kalinowski, B. D., & Howard Ecklund, E. (2020). Indian Scientists’ Definitions of Religion and Spirituality. *Religions*, 11(7), 355. <https://doi.org/10.3390/rel11070355>
- Kidd, S. A., Miner, S., Walker, D., & Davidson, L. (2007). Stories of working with homeless youth: On being “mind-boggling.” *Children and Youth Services Review*, 29(1), 16–34. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2006.03.008>
- Kimura, M., Oliveira, A. L. D., Mishima, L. S., & Underwood, L. G. (2012). Adaptação cultural e validação da Underwood’s Daily Spiritual Experience Scale - versão brasileira. *Revista Da Escola De Enfermagem Da USP*, 46(spe), 99–106. <https://doi.org/10.1590/s0080-62342012000700015>
- Kinman, G., & Grant, L. (2010). Exploring Stress Resilience in Trainee Social Workers: The Role of Emotional and Social Competencies. *British Journal of Social Work*, 41(2), 261–275. <https://doi.org/10.1093/bjsw/bcq088>
- Kennard-Lyke, K. (2002). Renewal of the spirit: exploring the religious and spiritual coping strategies of the homeless. *Dissertation Abstracts International*, 62(12).
- Kleinman S. (1996). *Opposing Ambitions: Gender and Identity in an Alternative Organization*. Chicago: University of Chicago Press
- Koenig, H. G., McCullough, M. E., & Larson, D. B. (2001). *Handbook of religion and health*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195118667.001.0001>

- Koenig, H. G. (2009). Research on Religion, Spirituality, and Mental Health: A Review. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 54(5), 283–291. <https://doi.org/10.1177/070674370905400502>
- Kwan, C. K., & Chui, E. W. T. (2020). Social workers' judgments: Case study on personal experience, professional training, and practice environment. *International Social Work*, 65(2), 240–253. <https://doi.org/10.1177/0020872819897754>
- Kin, C. K, Yeung, J. W. K., & Kong, C. Y. W. (2020) The impact of Religion/Spirituality on Social Workers' daily practice. *Annual of Social Work*, 27(3), 543–561. <https://doi.org/10.3935/ljsr.v27i1.352>
- Larsen, K. M., & Rinkel, M. (2016). What does religion and spirituality mean to a racially diverse group of social work practitioners? *Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought*, 35(3), 200–221. <https://doi.org/10.1080/15426432.2016.1185990>
- Lezotte, E. (2010). Spirituality and social work. Consultado em setembro, 2022, de http://c.ymcdn.com/sites/www.naswma.org/resource/resmgr/imported/FCE_SpiritualityandSocialWork.pdf
- Lorenzo, D. (2018). La espiritualidad en la humanización de la asistencia sanitaria. *Revista Iberoamericana De Bioética*, 8, 01–11. <https://doi.org/10.14422/rib.i08.y2018.007>
- Magyar-Russell, G. (2021). Introduction to the Special Issue: The Study of Religious and Spiritual Struggles: An Interdisciplinary Endeavor. *Religions*, 12(1), 53. <https://doi.org/10.3390/rel12010053>
- Marques, L. F. (2010). O conceito de espiritualidade e sua interface com a religiosidade e a Psicologia Positiva. *Psicodebate*, 10(0), 135. <https://doi.org/10.18682/pd.v10i0.393>

- McSherry, W., & Jamieson, S. (2013). The qualitative findings from an online survey investigating nurses' perceptions of spirituality and spiritual care. *Journal of Clinical Nursing*, 22(21–22), 3170–3182. <https://doi.org/10.1111/jocn.12411>
- Miller, W. R., & Thoresen, C. E. (2003). Spirituality, religion, and health: An emerging research field. *American Psychologist*, 58(1), 24–35. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.58.1.24>
- Moran, D. T. (2021). Art and the Nature of Spirituality. *Humanist*, 81(3), 20. Consultado em setembro, 2022, de <https://thehumanist.com/magazine/summer-2021/humanism-arts/humanism-the-arts-art-and-the-nature-of-spirituality>
- Moreira-Almeida, A., Koenig, H. G., & Lucchetti, G. (2014). Clinical implications of spirituality to mental health: review of evidence and practical guidelines. *Revista Brasileira De Psiquiatria*, 36(2), 176–182. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2013-1255>
- Oliveira, M. R. D., & Junges, J. R. (2012). Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. *Estudos De Psicologia* (Natal), 17(3), 469–476. <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2012000300016>
- Organização Mundial de Saúde (1998). WHOQOL and Spirituality, Religiousness and Personal Beliefs (SRPB). *World Health Organization*. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/70897>
- Oxhandler, H. K., & Pargament, K. I. (2014). Social Work Practitioners' Integration of Clients' Religion and Spirituality in Practice: A Literature Review. *Social Work*, 59(3), 271–279. <https://doi.org/10.1093/sw/swu018>
- Øvrelid, B. (2008). The Cultivation of Moral Character: A Buddhist Challenge to Social Workers. *Ethics and Social Welfare*, 2(3), 243–261. <https://doi.org/10.1080/17496530802481573>

- Paloutzian, R. F. (2016). Psychology of Religion in Global Perspective: Logic, Approach, Concepts. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 27(1), 1–13. <https://doi.org/10.1080/10508619.2017.1241529>
- Pargament, K. I., Murray-Swank, N. A., Magyar, G. M., & Ano, G. G. (2005). Spiritual Struggle: A Phenomenon of Interest to Psychology and Religion. *Judeo-Christian Perspectives on Psychology: Human Nature, Motivation, and Change.*, 245–268. <https://doi.org/10.1037/10859-013>
- Pargament, K. I. (2007). *Spiritually integrated psychotherapy: Understanding and addressing the sacred*. Guilford Press.
- Paul, S., Corneau, S., Boozary, T., & Stergiopoulos, V. (2018). Coping and resilience among ethnoracial individuals experiencing homelessness and mental illness. *International Journal of Social Psychiatry*, 64(2), 189–197. <https://doi.org/10.1177/0020764017748986>
- Peters, L. M., Samuel, V. M., & Hobson, C. W. (2021). Shining a light on the experiences of staff working with young homeless people: A grounded theory study. *Children and Youth Services Review*, 121, 105843. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105843>
- Plante, T. G. (2007). Integrating spirituality and psychotherapy: Ethical issues and principles to consider. *Journal of Clinical Psychology*, 63(9), 891–902. <https://doi.org/10.1002/jclp.20383>
- Powell, J. A. (2005). Dreaming of Self beyond Whiteness and Isolation. *Washington University Journal of Law & Policy*, 18, 13-46.
- Prasinos, S. (1992). Spiritual aspects of psychotherapy. *Journal of Religion and Health*, 31(1), 41–52. <https://doi.org/10.1007/bf00986844>
- Radford, M. (2000). Making Sense in Art Lessons. *Journal of Art and Design Education*, 19(3), 280–287. <https://doi.org/10.1111/1468-5949.00230>

- Rogers, L. E. (2017). "Helping the Helpless Help Themselves." *Journal of Contemporary Ethnography*, 46(2), 230–260. <https://doi.org/10.1177/0891241615603450>
- Runquist, J. J., & Reed, P. G. (2007). Self-Transcendence and Well-Being in Homeless Adults. *Journal of Holistic Nursing*, 25(1), 5–13. <https://doi.org/10.1177/0898010106289856>
- Senreich, E. (2013). An Inclusive Definition of Spirituality for Social Work Education and Practice. *Journal of Social Work Education*, 49(4), 548–563. <https://doi.org/10.1080/10437797.2013.812460>
- Senthilnathan, M. (2016). *Understanding Hinduism: by Bhakti Marga Academy* (1 ed.). Bhakti Marga Publications
- SICAD (2016) - *Linhas de orientação Técnica para a Intervenção em Redução de Riscos e Minimização de Danos: Competências dos Interventores*. Consultado em setembro, 2022, de https://www.sicad.pt/PT/Intervencao/DocumentsTecnicoNormativos/Paginas/detalhe.aspx?itemId=31&lista=SICAD_DOCUMENTOSNORMATIVOS&bkUrl=BK/Intervencao/DocumentsTecnicoNormativos/
- Siporin, M. (1985). Current social work perspectives on clinical practice. *Clinical Social Work Journal*, 13(3), 198–217. <https://doi.org/10.1007/bf00754647>
- Sheridan, M. (2009). Ethical Issues in the Use of Spiritually Based Interventions in Social Work Practice: What Are We Doing and Why. *Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought*, 28(1–2), 99–126. <https://doi.org/10.1080/15426430802643687>
- Sheridan, M. J., Bullis, R. K., Adcock, C. R., Berlin, S. D., & Miller, P. C. (1992). Practitioners' Personal and Professional Attitudes and Behaviors Toward Religion and Spirituality. *Journal of Social Work Education*, 28(2), 190–203. <https://doi.org/10.1080/10437797.1992.10778772>

- Spencer, M. (2012). What is spirituality? A personal exploration. *Royal College of Psychiatrists publications archive – Spirituality* (s.d.). Consultado em setembro, 2022, de <https://www.rcpsych.ac.uk/members/special-interest-groups/spirituality/publications-archive?searchTerms=what%20is%20spirituality>
- Thompson, S. J., Ryan, T. N., Montgomery, K. L., Lippman, A. D. P., Bender, K., & Ferguson, K. (2016). Perceptions of Resiliency and Coping. *Youth And Society*, 48(1), 58–76. <https://doi.org/10.1177/0044118x13477427>
- Tryssenaar, J., Jones, E. J., & Lee, D. (1999). Occupational Performance Needs of a Shelter Population. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, 66(4), 188–196. <https://doi.org/10.1177/000841749906600406>
- Weng, S. S., & Clark, P. G. (2017). Working with Homeless Populations to Increase Access to Services: A Social Service Providers’ Perspective Through the Lens of Stereotyping and Stigma. *Journal of Progressive Human Services*, 29(1), 81–101. <https://doi.org/10.1080/10428232.2018.1394784>
- Wiedmeyer, N. (2013). Spirituality in Social Work: Therapists’ Perspectives on the Role of Spirituality Within their Practice. Consultado em setembro, 2022, de https://sophia.stkate.edu/msw_papers/273
- Williams, N. R., & Lindsey, E. (2006). Spirituality and Religion in the Lives of Runaway and Homeless Youth. *Journal of Religion & Spirituality in Social Work: Social Thought*, 24(4), 19–38. https://doi.org/10.1300/j377v24n04_03

Apêndices

Apêndice A – Tabela caracterização da amostra

Participante	Gênero	Idade	Atuação profissional	Anos Experiência
P1	masculino	43 anos	Educação pares	7 anos
P2	feminino	39 anos	Serviço social	10 anos
P3	feminino	41 anos	Psicologia	11 anos
P4	feminino	44 anos	Sociologia	21 anos
P5	feminino	30 anos	Serviço social	8 anos
P6	feminino	26 anos	Psicologia	4 anos
P7	feminino	32 anos	Serviço social	4 anos
P8	feminino	31 anos	Psicologia	8 anos
P9	feminino	35 anos	Serviço social	12 anos
P10	feminino	40 anos	Animação sociocultural	20 anos
P11	masculino	35 anos	Psicologia	13 anos
P12	feminino	44 anos	Psicologia	19 anos

Apêndice B – Guião da entrevista semiestruturada

Gostaria de começar por pedir que se apresentasse (nome, idade, experiência neste domínio ou outros, atual função na instituição, principal objetivo da mesma e meios de atuação no terreno)

- 1) Há quanto tempo atua em contacto com pessoas em situação de vulnerabilidade? Na sua opinião, quais são as características mais importantes do **perfil de um/a bom/boa profissional** nesta área?
- 2) No seu caso pessoal, como surgiu esta oportunidade? Quais foram as principais **motivações**? Acha que existe uma “**vocação**” e esta é a sua? (Até que ponto esta profissão traz um sentido de propósito ou dá significado à sua vida?)
- 3) Até que ponto o trabalho nesta área até agora corresponde às **motivações iniciais**? Quais os principais **desafios ou dificuldades** que enfrenta diariamente no terreno? (O que o/a mantém neste trabalho apesar desses desafios ou até que ponto estes desafios abalam as suas convicções iniciais?)
- 4) O que **ganhou ou aprendeu mais** desde que começou a trabalhar nesta área? De que forma é que as aprendizagens decorrentes da sua experiência profissional nesta área **o/a mudaram como pessoa, mudaram a sua visão ou a sua forma de estar na vida**?
- 5) Gostaria de lhe pedir que comentasse a seguinte afirmação:
 “A Espiritualidade é um aspeto da humanidade que se refere à forma como os indivíduos procuram e expressam um sentido de significado, propósito ou missão. Diz respeito à maneira como o Ser humano experimenta a sua conexão consigo mesmo, com os outros, com o momento, com a natureza e com aquilo que é considerado significativo ou sagrado.”

(Como definiria o que é para si a **Espiritualidade**? Acredita que esta é uma dimensão importante na vida das pessoas com quem contacta? Se sim, de que forma? (Apresente, por favor, alguns exemplos.)

- 6) No seu caso pessoal, **tem alguma prática ou crença espiritual?** Se sim, de que forma essa prática/crença influencia ou é influenciada pela sua prática profissional (Apresente, por favor, alguns exemplos).

Gostaria de acrescentar mais alguma coisa que não tenha sido questionada?

Obrigada pela sua colaboração.

Apêndice C – Consentimento informado

Gostaríamos de contar com a sua participação num estudo que está a ser realizado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

O estudo visa compreender a perspetiva de profissionais que trabalham com populações em situação de vulnerabilidade face a diferentes aspetos ligados à sua profissão, em particular o sentido de propósito, desafios e dificuldades.

A recolha de dados pressupõe a realização e gravação áudio de uma entrevista semiestruturada, com transcrição posterior em formato texto. Todos os dados recolhidos serão tratados de acordo com as disposições do Regulamento Geral de Proteção de Dados, pelo que é assegurada o anonimato e a confidencialidade das suas respostas.

O uso das informações recolhidas destina-se ao âmbito exclusivo da investigação em curso, podendo ser posteriormente utilizadas para efeitos de publicação científica, com a garantia da manutenção desse anonimato e confidencialidade.

A participação neste estudo é voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento se tal for solicitado, sem qualquer prejuízo ou necessidade de justificação.

Caso solicite, poderá também ter acesso à transcrição da sua entrevista, bem como às publicações resultantes desta investigação.

Se após a sua participação neste estudo necessitar de esclarecimentos adicionais, poderá contactar-me através do e-mail: up201706901@fpce.up.pt (Inês Braga) ou susana@fpce.up.pt (Susana Coimbra).

Ao assinar, declaro que tenho pelo menos 18 anos e que li e compreendi os objetivos e procedimentos acima descritos. Aceito participar no estudo de forma voluntária, sabendo que os dados serão utilizados exclusivamente para fins científicos, sem que nunca exista possibilidade de ser identificado/a.

Data: ____/____/____

Assinatura:
